

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
CURSO DE TEOLOGIA**

MÁRCIO FELICIANO SIMÕES

**A CURA DE BARTIMEU COMO PROPOSTA DE RESGATE DA
HUMANIDADE FACE AO INDIFERENTISMO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**São Paulo
2024**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

MÁRCIO FELICIANO SIMÕES

**A CURA DE BARTIMEU COMO PROPOSTA DE RESGATE DA
HUMANIDADE FACE AO INDIFERENTISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes.

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de infinita bondade, pelo dom da vida. Misericordioso, Ele me sustenta.

À minha esposa Adriana, pelo amor, dedicação, estímulo e paciência com os impedimentos dos tempos de estudo. Aos meus filhos e noras Lucas e Carolina, Gabriel e Fernanda, por me incentivarem sempre. Gratidão ainda maior pela primeira netinha, Manuela, que chegou neste tempo. Aos meus familiares, pelo apoio e incentivo.

Ao meu pastor, professor, irmão e amigo, Pe. Felipe Cosme Damião Sobrinho. Côncio do valor e da urgência na formação dos leigos, impulsionou-me nesta formação em Teologia, sempre zeloso comigo e com minha família. Minha plena gratidão e orações.

Aos irmãos de graduação, pela amizade e companheirismo nos desafios para a conclusão desta caminhada com êxito. A menor e melhor turma, impulsionada pelo cafezinho. Gratidão extra à Sarah, minha irmã de comunidade e turma, companheira de trabalhos, resmungações, desesperos e glórias.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio de Lisboa Lustosa Lopes, por me dirigir nesse trabalho, com diligência, atenção minuciosa e paciência.

Aos professores da Faculdade Nossa Senhora da Assunção, pelos ensinamentos e contribuição ao meu aprofundamento teológico.

À Igreja particular de Santo André, em especial minha comunidade, Paróquia Nossa Senhora da Candelária, que providencialmente custeou meus estudos.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e à Fundação São Paulo que me concedeu uma bolsa de estudo.

A todos os amigos e amigas que, de longe ou de perto, acompanharam essa caminhada acadêmica com suas orações e incentivos.

Só uma fé ferida – na qual são evidentes
as marcas dos pregos – é confiável; só
ela pode curar. Temo que uma fé que não
passou pela noite da cruz e não foi
atingida no coração não tenha este poder.
Uma fé que nunca foi cega, que nunca
experimentou as trevas, dificilmente
poderá ajudar quem não viu e não vê.

(HALÍK, 2021, p. 179, tradução nossa)

RESUMO

O episódio de Bartimeu, cego mendicante, está presente nos três relatos sinóticos do Evangelho. Não se resume tão somente a um milagre de cura, mas abre-nos a compreensão para o chamado ao discipulado missionário. Este estudo, baseado no relato de Marcos, pretende conduzir à imersão no universo de fé, perseverança e protagonismo discipular que se completa com a misericórdia gratuita e desmedida desse Deus que quer estar conosco, deseja ser conosco. Através de um breve estudo hermenêutico-teológico, este trabalho deseja suscitar no leitor um processo de identificação com os personagens envolvidos para, então, num processo de metanoia, bem servir a Deus em comunidade, sentir-se responsável pela cura gradativa de um mundo sobremaneira indiferente à exclusão social, às necessidades do próximo. A indiferença exclui, endossa uma cultura de morte que não coaduna com os ensinamentos de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Palavras-chave: cultura do encontro; fé; misericórdia; indiferentismo; Bartimeu.

ABSTRACT

The episode of the blind man mendicant Bartimaeus is present in the three synoptic accounts of the Gospel. It represents not just a miracle of healing, but it opens our understanding to the call to missionary discipleship. This study, based on the account as reported in the Gospel according to Mark, intends to immerse the reader in the universe of faith, perseverance and disciple protagonism that is completed with the free and unmeasured mercy of this God who wishes to be with us, desires to be with us. Through a brief hermeneutic-theological study, this work aims to encourage in the reader a process of identification with the characters involved so that, in a process of metanoia, they can serve God well in community, calls for responsibility towards the gradual healing of a world largely indifferent to social exclusion, to the needs of others. Indifference excludes and endorses a culture of death that is not in line with the teachings of Jesus Christ, our Lord.

Keywords: meeting culture; faith; mercy; indifferentism; Bartimaeus.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abreviaturas Bíblicas

Antigo Testamento

Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
2Sm	Segundo Samuel
Sl	Salmos
Ecl	Eclesiastes
Eclo	Eclesiástico
Is	Isaías

Novo Testamento

Mt	Evangelho segundo Mateus
Mc	Evangelho segundo Marcos
Lc	Evangelho segundo Lucas
Jo	Evangelho segundo João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2Cor	Segunda Carta aos Coríntios
Gl	Carta aos Gálatas
Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
1Tm	Primeira Carta a Timóteo
Hb	Carta aos Hebreus
Tg	Carta de Tiago
1Jo	Primeira Carta de João

Documentos da Igreja

AL	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris laetitia</i> , 2016 – Papa Francisco
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DCE	Carta Encíclica <i>Deus caritas est</i> , 2005 – Papa Bento XVI
DM	Carta Encíclica <i>Dives in misericordia</i> , 1980 – Papa João Paulo II
DV	Constituição Dogmática <i>Dei verbum</i> , 1980 – Concílio Ecumênico Vaticano II
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii gaudium</i> , 2013 – Papa Francisco
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii nuntiandi</i> , 1975 – Papa Paulo VI
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli tutti</i> , 2020 – Papa Francisco
LF	Carta Encíclica <i>Lumen fidei</i> , 2013 – Papa Francisco
MV	Bula <i>Misericordiae vultus</i> , 2015 – Papa Francisco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	9
O ENCONTRO COM O SENHOR	10
1.1 DEUS QUE AMA	11
1.2 DEUS QUE É MISERICORDIOSO	13
1.3 DEUS TEM PREFERÊNCIA?	15
1.4 A FÉ PELA QUAL SE CRÊ	17
CAPÍTULO II	21
ANÁLISE HERMENÊUTICO-TEOLÓGICA DE Mc 10,46-52	21
2.1 EVANGELHO DE MARCOS: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS	22
2.2 ESTUDO EXEGÉTICO POR VERSÍCULOS (Mc 10,46-52)	24
2.2.1 ANÁLISE DE SEQÜÊNCIAS DE AÇÕES	25
2.2.2 COMENTÁRIO POR VERSÍCULOS	28
2.3 ANÁLISE DO CONTEXTO LITERÁRIO E TEOLÓGICO	32
CAPÍTULO III	34
OS BARTIMEUS DE HOJE	34
3.1 RESSIGNIFICAR BARTIMEU SENDO PRESENÇA DE JESUS	36
3.2 O CLAMOR DOS EXCLUÍDOS	38
3.3 A CEGUEIRA ESPIRITUAL	42
3.4 O DISCIPULADO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende, através de uma interpretação exegética, explorar o episódio da cura do cego Bartimeu, tomando por base a narrativa do Evangelho segundo Marcos (10,46-52). Objetiva-se examinar a postura de Bartimeu, sua condição físico-social, o comportamento daqueles que seguiam Jesus rumo a Jerusalém e a experiência de cura que ocorre no encontro com o Senhor.

O que talvez possa parecer apenas mais uma das curas de Jesus, na verdade pode ser compreendido como um relato vocacional, um exemplo de fé e perseverança, uma demonstração de protagonismo e resiliência quando em condição adversa, um exemplo de como a humanidade de Jesus age com vistas ao resgate dos desumanizados.

Em tempos onde razão e vontade humana tomam o lugar de Deus, vê-se um ateísmo prático que sequer se importa com a questão da existência ou não de Deus, apenas já não considera Deus como necessário para se viver uma vida de realizações. Vive-se já, portanto, como se Deus não existisse. Sobre a relação entre secularização e ateísmo, São Paulo VI aborda o que chama de ateísmo antropocêntrico:

Aqui, temos em vista um verdadeiro secularismo: uma concepção do mundo, segundo a qual esse mundo se explicaria por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus; de tal sorte que Deus se tornou supérfluo e embaraçante. Um secularismo deste gênero, para reconhecer o poder do homem, acaba por privar-se de Deus e mesmo por renegá-lo. Daqui parecem derivar novas formas de ateísmo: um ateísmo antropocêntrico, que já não é abstrato e metafísico, mas sim pragmático, programático e militante. (EN 55).

O 1º sínodo arquidiocesano de São Paulo (2017-2023) ratifica e atualiza esta realidade ao constatar que, dentre os que se consideram católicos, “70% não frequentam a Igreja e, por isso, dela nada recebem e já não se identificam com ela.” Esta constatação vai ao encontro das palavras de Bento XVI (2012), quando disse que existe uma forma de “ateísmo ‘prático’, no qual não se negam as verdades da fé ou os ritos religiosos, mas simplesmente se consideram irrelevantes para a existência quotidiana, destacadas da vida, inúteis”.

São Paulo VI, na introdução de sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, valoriza “o empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo” (EN 1). Este estudo pretende contribuir acadêmico-pastoralmente com a identificação do

chamado ao protagonismo cristão de modo a suscitar uma experiência que brota do encontro com Deus e um mesmo ardor missionário como se referiu o Papa.

No primeiro capítulo, a proposta é ressaltar o que levou Bartimeu a agir com distinto protagonismo e perseverança. Em condição desprivilegiada, mostra-se resiliente. É possível imaginar que este dia narrado pudesse ser apenas mais um dia na vida de Bartimeu. Vê-se, no entanto, que sua rotina de ficar à beira do caminho não era carente de esperança. Tudo seria igual, não fosse sua certeza da misericórdia do Senhor. O sustento de Bartimeu estava enraizado no conhecimento do amor incondicional de Deus, do Senhor que sempre cumpriu suas promessas, sobretudo em face aos mais necessitados.

O segundo capítulo tem por objetivo propiciar uma análise hermenêutico-teológica da perícopes de Mc 10,46-52. Neste trecho bíblico, Jesus já está a caminho de Jerusalém, quando, passando por Jericó, escuta Bartimeu gritando seu nome e clamando por misericórdia. Sabemos que os três Evangelhos sinóticos apresentam este mesmo relato de cura (Mt 20,29-34; Mc 10,46-52; Lc 18,35-43), cada um segundo a ótica, a fonte e os interesses específicos de cada autor, o que gera algumas pequenas diferenças no relato. Porém estas poucas diferenças não se constituem em contradições. Assim sendo, partiremos da análise apenas dos escritos atribuídos ao evangelista Marcos.

O objetivo do terceiro capítulo será ressignificar Bartimeu. Identificar na humanidade de Jesus e em sua ação em favor daquele que o busca, o modelo de resgate da dignidade humana. Todo o povo de Deus é convidado a empenhar-se em favor do resgate da humanidade face ao indiferentismo que tantas vezes está diante de nossos olhos ou, por que não dizer, também presente em nossas ações.

Procuraremos, ademais, ressaltar a necessidade de se ter ouvidos e olhos atentos e disponíveis ao clamor do necessitado. Inseridos num mundo cujas prioridades são dissemelhantes, zelar quanto à cegueira espiritual que pode nos afetar a todos. Sendo missão de todo batizado anunciar a Boa Nova, motivar um discipulado de protagonismo que, na fidelidade ao Senhor, seja canal para que mais pessoas possam ter um encontro com o Senhor da Misericórdia.

Pretende-se, portanto, percorrer um caminho de “identificação” com o testemunho e comportamento de Bartimeu, dos discípulos e da multidão, do próprio Cristo e, nesta experiência, suscitar no leitor uma resposta que denote alegria em crer, confiar e depender deste Deus que ama incondicionalmente.

CAPÍTULO I

O ENCONTRO COM O SENHOR

Bartimeu era um cego mendicante que estava sentado à beira da estrada da cidade de Jericó e que, ao atentar-se que Jesus, o Nazareno, estava passando por ali, grita, clama pedindo que tenha compaixão, misericórdia (cf. Mc 10,46-52). Não tem êxito em sua primeira tentativa, mas finalmente conseguiu ter a atenção daquele que ele compreendeu ser o filho de Davi, pois manteve uma fé firme, persistiu e esta fé convicta foi correspondida por Jesus, que quer encontrar-se com aquele que por ele clama. O canto do salmista pode elucidar a atitude de Bartimeu, que demonstra ter segurança de que só em Deus repousa nossa alma, plena de esperança. E Jesus corresponde a este anseio pois deseja fazer este encontro salvífico. Sua atitude diante do clamor de Bartimeu demonstrará o quanto “a bondade de Deus se concretiza em estar a favor da vida dos pobres, amar com ternura os privados de vida, identificar-se com as vítimas deste mundo.” (SOBRINO, 2020, p. 26).

Os que acompanhavam Jesus e tentaram calar Bartimeu e mantê-lo em condição desprezível, denotam toda forma de opressão que desumaniza. Há, no entanto, uma certeza que gera esperança: o Deus em quem Bartimeu deposita sua esperança é um Deus que ama, que cuida, que escuta seu clamor, não é indiferente ao seu sofrimento (cf. Ex 3,7ss). Cremos, pois, num Deus que é onisciente, onipotente, mas que se faz presente e próximo. Quis se revelar e o fez a nós por intermédio de Seu Filho (cf. Jo 4, 7-10).

Ao se revelar a nós, “Jesus assumiu a condição dos pobres e desamparados justamente para suscitar reação” (COMBLIN, 1984, p. 31). A narrativa evangélica demonstra justamente a ação de Bartimeu que reage com insistência. Os que acompanhavam Jesus optaram por ignorar Bartimeu ao longo do caminho e tal indiferença seria como que crucificá-lo sem cruz, pois o condenaria à espera da morte. Jesus, entretanto, demonstra que não se deve seguir adiante enquanto houver um irmão necessitado. Antes, Jesus lhe restitui a dignidade, restabelece sua autonomia e a possibilidade de caminhar guiado pela luz. Demonstra àqueles que o seguiam e que ignoraram o filho de Timeu, que a misericórdia deve se antepor a qualquer coisa. Nada pode ser obstáculo para que se aja com misericórdia. Em ato similar, Jesus fez os judeus compreenderem tal precedência ao curar num dia de sábado (cf. Mc 3,4).

Sobrino pontua que, antes de ser o cumprimento de um mandato, amar ao próximo, esse agir misericordioso, é fruto de um sentimento de compaixão que repele o indiferentismo e, quando traz consigo uma práxis, acentua a compreensão das bem-aventuranças (cf. Mt 5,7-10). O episódio demonstra que “não há nada mais humano e humanizante do que a fé no Deus de Jesus” (SOBRINO, 2020, p. 34).

Este primeiro capítulo procurará refletir sobre algumas das condicionantes que ensejaram este processo libertador: de um lado, um Deus que ama, que se rege segundo o princípio da misericórdia e que sujeita todo o resto a esse princípio (SOBRINO, 2020, p. 46). Um Deus que se faz próximo e o faz incondicionalmente. De outro, Bartimeu¹, cuja fé não viu limites, mesmo diante de sua condição de marginalizado, agravada ainda mais pela falta de visão, ignorado por tantos, oprimido pelos que não lhe davam valor. Na cura, Jesus lhe devolve a humanidade! Aquele que antes era cego, que ficava à margem, mendicando, tem sua visão regenerada. Uma vez restabelecida sua liberdade e autonomia, põe-se a seguir Jesus no caminho.

1.1 DEUS QUE AMA

A literatura joanina declara esta verdade de fé: Deus é amor, o amor vem de Deus e se não temos em nós esse mesmo amor é porque não o conhecemos. Se amamos, é porque Ele nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,4-10). Este conhecimento se dá de forma gradativa, seja através das Sagradas Escrituras, inspiradas pelo Espírito, e outros escritos, mas também através de um processo ascético de buscar e permitir-se ter uma experiência com o amor do Senhor. A graça nos possibilita mergulhar no mistério divino e, através deste processo contemplativo e de comunhão, ratificar, aumentar e enraizar a fé.

O amor de Deus se dá, em primeiro lugar, já na Criação. Aprouve a Deus dar-se a conhecer. É Deus quem se autocomunica, e na sua sabedoria e bondade, revela-se a si mesmo (DV 2). É seu desejo tornar-nos capazes de o conhecermos e amá-lo, muito além do que seríamos capazes por nós mesmos, pela nossa compreensão de seu mistério (CIC 52). Desde a origem, em vista dos pecados de nossos primeiros pais, faz-nos uma promessa de redenção, alimenta em cada filho a esperança da salvação (CIC 52), de vida abundante. Deus não nos abandona, mas acompanha,

¹ Será tomado por base o texto do Evangelho segundo Marcos, porém sempre que se mostrar oportuno ou necessário, serão contemplados os textos dos demais relatos evangélicos.

desde sempre zela por amor, está pronto a corresponder a cada vez que o buscamos (cf. Mt 11,28). Mantém-se fiel e cuida, ainda que, numa falta de reciprocidade, venhamos a ignorá-lo.

Padre Libanio descreve o ser humano como carente e dividido: “na fraqueza física e psicológica, [o ser humano] necessita ser cuidado com muito amor para ir construindo-se como ser capaz de amar” (LIBANIO, 2007, p. 13). Criado à imagem de Deus, porém trazendo consigo a herança do pecado², o ser humano herda a vulnerabilidade, fruto da “opção de desobediência dos nossos primeiros pais” (CIC 391), e se vê sujeitado a conviver com as dificuldades e reflexos dessa herança (cf. Gn 3,14ss), subordina-se à “voz sedutora, oposta a Deus” (CIC 391). Custa-nos conseguir manter a comunhão com o amor de Deus, o que só nos é possível através da graça do Espírito Santo. Deus não é assim, não há falta de comunhão de sua parte para com a Criação, pois Ele é puro amor. Deus é fonte de toda a bondade, e é o próprio Filho quem o dirá: “Ninguém é bom, senão só Deus” (Lc 18,19).

Nestes momentos, em que nos falta a comunhão, que projetamos em Deus as nossas angústias e incompreensões, frutos da fraqueza humana, temos a errônea interpretação de que Deus não tem seu olhar voltado para nós. Pagola (2016, p. 45) destaca que “a fé não suprime as graves questões que o sofrimento apresenta” e que “o fiel se vê obrigado a perguntar-se como Deus, Ser infinitamente bom e onipotente, pode tolerar tanta dor e sofrimento injusto na humanidade”. Contudo, continua Pagola, “essa ideia de Deus é radicalmente falsa”. Deus sempre se move em nossa direção e em nosso favor, pois “não há criatura oculta à sua presença” (Hb 4,13). Seu olhar, penetrante, providente, eficaz e misericordioso, sempre está voltado para aquele que o busca, principalmente para aquele mais necessitado. Um dito popular nos lembra que “Deus sabe, Deus ouve, Deus vê. Se você não gostaria que Deus visse, não faça”.

A quebra de comunhão e a cegueira espiritual, portanto, se dão pela inquietude do ser humano, não por um distanciamento de Deus. Se diante da fragilidade se obscurece a percepção, torna-se difícil a compreensão e o reconhecimento de seu

² Os primeiros capítulos do livro do Gênesis expõem, de forma quase justaposta, a narrativa da Criação, sem nenhum vício, e do pecado; também demonstra a herança do pecado na história que se dá entre Caim e Abel (cf. Gn 1-4). Sobre este tema, o Catecismo da Igreja Católica (388-421) oferece clareza na compreensão do que historicamente vem sendo chamado de “pecado original” ou “pecado de Adão”. Descreve como “falta original, livremente cometida pelos nossos primeiros pais” (CIC 390). Dito isto, ao fazer referência à “natureza humana”, não se deve levantar suspeitas de que Deus usou de perfeição em sua criação. Objetiva-se, no entanto, compreender um estado, uma condição de fragilidade que predispõe o homem ao pecado.

amor, é necessário um olhar para dentro de si mesmo, como confessou Santo Agostinho: “Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora!” (AGOSTINHO, 1997, p. 139).

Também Mestre Eckhart, frade dominicano da Idade Média, procurou expor em seus escritos a beleza do amor de Deus e reuniu alguns nomes do cristianismo para a reflexão sobre quem Deus é:

Deus. Diz Anselmo: Deus é o ser em comparação ao qual nada de melhor se pode pensar. E Agostinho diz no cap. 11 do 1º livro *Da doutrina cristã*: “o Deus supremo é pensado como algo em comparação ao qual nada há de melhor e mais sublime”. E mais adiante: “não se encontrará pessoa alguma que creia ser Deus um ser tal que possa haver algo melhor do que Ele”. Bernardo pergunta no 5º livro *Da meditação*: “Que é Deus? O ser em comparação ao qual nada pode ser pensado de melhor”. E Sêneca, no prólogo das *Questões naturais*: “Que é Deus? O todo que vês e o todo que não vês. Assim se lhe reconhece a sua grandeza: em nada de maior se pode excogitar”. Deus é infinito em sua simplicidade e simples em sua infinidade. Por isso está em toda a parte e em toda a parte todo inteiro (ECKHART, 2016, p. 37, grifos do autor).

“O amor é o dom misericordioso de Deus à tristeza humana, e não o prêmio de uma suficiência humana” (MERTON, 2003, p. 178). É este amor de Deus que se derrama em misericórdia por seu povo e tem seu ápice no esvaziamento de seu Filho:

Pois bem, o surpreendente e desconcertante do Deus que conhecemos em Jesus está em que esse Deus, ao encarnar-se no homem Jesus de Nazaré, fundiu-se e confundiu-se com o humano ao extremo de tornar-se presente e identificar-se com tudo que é verdadeiramente humano, com o sensível, com o que vemos, ouvimos, apalpamos e tocamos (1Jo 1,1). Que, por isso, Deus está naquele que passa fome, naquele que tem sede, no enfermo e no estrangeiro, no preso, no infeliz e no excluído (Mt 25,34-40). Por isso, quando nós, cristãos, falamos de Deus, com toda a razão podemos falar da “fraqueza de Deus” (1Cor 1,25). Assim como dizemos que Deus se despojou de sua posição e se fez um como nós (Fl 2,5) (CASTILLO, 2015, p. 410).

1.2 DEUS QUE É MISERICORDIOSO

A Santa Igreja nos ensina que não há limites para a misericórdia de Deus, de onde se pode deduzir que nos é garantida, a temos quando necessitarmos e a desejarmos com fé. Em seu amor infinito e eterno (cf. Sl 137), Deus nos estimula, nos propõe a que exercitemos a misericórdia. Jesus ensinou-nos serem bem-aventurados os misericordiosos, os quais receberão misericórdia (cf. Mt 5,7). A misericórdia não está condicionada ao nosso agir e independe deste. Como indicado acima, é ilimitada

e incondicional. Antes, nos precede e nos educa, vivifica. Ao sermos misericordiosos, na verdade estamos resplandecendo Deus, que é misericordioso. O Santo Padre, Papa Francisco, enriquece a reflexão:

Não podemos esquecer que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco (AL 310).

No Antigo Testamento, o Senhor se revela a Moisés como um “Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade; que guarda o seu amor a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado” (cf. Ex 34,6-7). Já o Evangelho é a revelação, em Jesus Cristo, da misericórdia de Deus (CIC 1846). Jesus escandaliza seus opositores, ao contrariar o legalismo em vista da dignidade humana, curando, amando, acolhendo e perdoando os pecadores (cf. Mc 2,17), pregando a misericórdia (cf. Mt 9,13). O legalismo não coaduna com a dinâmica de Deus para com seu povo. Ao se fixar no legalismo por premissa, a consequência natural será a obsessão por condenar. Deus visa o humano: “[...] [Jesus] olhava fundo até o coração e lá lia a atitude de pureza. Mais, estabelecera a misericórdia como critério último de atitude diante da lei” (LIBANIO, 2013, p. 96). Conclui-se, portanto, que a misericórdia de Deus é o ponto de partida na sua relação conosco, seus filhos, e que ela não tem limites:

Deus é o Pai todo-poderoso. A sua paternidade e o seu poder esclarecem-se mutuamente. Com efeito, Ele mostra a sua onipotência paterna pelo modo como cuida das nossas necessidades pela adoção filial que nos concede; enfim, pela sua infinita misericórdia, pois mostra o seu poder no mais alto grau, perdoando livremente os pecados (CIC 270).

Ao meditarmos a onipotência de Deus, não apenas na literalidade da palavra, devemos perceber que ela se revela como “onipotência do amor” (RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 67). Ao assumir nossa carne, assume toda a fraqueza, sofrimento, submete-se às opressões e à própria morte, chega ao extremo do esvaziamento que faz-nos compreender como “onipotência da misericórdia” (RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 67). “Deus se rege segundo esse princípio [da misericórdia] e a este princípio está sujeito todo o resto. A misericórdia está na origem do divino e do humano” (SOBRINO, 2020, p. 46).

O Papa Bento XVI denunciou, em sua primeira Encíclica, que ao “nome de Deus se associa às vezes a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência” (DCE 1). De fato, de maneira frequente se ouve afirmações como: “Deus é misericorioso, mas é justo, um Deus de justiça”. Este pensamento, erroneamente, conduz à compreensão de que a misericórdia de Deus tem limite ou condicionantes. O erro está, sobretudo, no risco de se atribuir a Deus uma suposta pretensão de punição ou necessidade de sacrifícios para fazer com que cada um de seus filhos, só então merecesse o perdão. Basta-nos lembrar que Jesus, já crucificado, pediu ao Pai que perdoasse a todos os que o haviam levado à cruz. Não há prova de misericórdia maior. Deus é só amor (cf. 1Jo 4, 16) e não pode haver qualquer dúvida quanto a isso, pois fomos criados como expressão deste mesmo amor. “O primado e a superioridade do amor em relação à justiça manifestam-se precisamente através da misericórdia” (DM 4). Jesus, no entanto, além de declarar não ter vindo para abolir, mas dar pleno cumprimento à Lei (cf. Mt 5,17), no mesmo Evangelho segundo Mateus, exortará: “Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício” (Mt 9,13).

O Papa Francisco classifica a misericórdia como um mistério que devemos contemplar: “[...] é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” (MV 2). Reforça esta compreensão sua escolha do mote para o Pontificado e programa de vida³. Retirado de uma homilia de São Beda, a expressão “*Miserando atque eligendo*”, traduzida do Latim, significa “Olhou-o com misericórdia e o escolheu” (cf. Mt 9,9).

1.3 DEUS TEM PREFERÊNCIA?

Primariamente, faz-se necessário recordar as palavras do apóstolo Paulo, exortando a comunidade de Éfeso sobre sermos obra do Pai, amados e salvos não por nossos méritos, mas pela fé e riqueza de sua graça para conosco (cf. Ef 2, 4-10). No relato da criação, ao contemplar o que havia criado, Deus conclui que tudo era muito bom (cf. Gn 1,31). Isso mostra, portanto, que Deus não quer perder nenhum dos seus (cf. Jo 6, 39-40), prefere a todos (cf. 1Tm 2,4-6).

³ Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/elezione/stemma-papa-francesco.html>. Acesso em: 20/11/2023.

Importa esta primeira referência: a certeza de que Deus ama a todos igualmente. E, conscientes deste amor e desejo do Pai por cada filho amado, o coração deve se nutrir de esperança, alegria e gratidão. Reforça esta verdade e estabelece outro referencial, o da fraternidade com o próximo, saber que Deus “faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (cf. Mt 5,45b-46).

Os muitos que repreendiam Bartimeu para que se calasse, talvez imaginassem a si mesmos privilegiados, ou que Jesus, a quem seguiam, lhes fosse exclusivo. Deus, no entanto, não faz acepção de nenhum de seus filhos (cf. At 10, 34ss) e essa certeza deveria produzir em nós confiança na sua providência. “O olhar de Deus nunca para no nosso passado cheio de erros, mas olha com infinita confiança para aquilo em que nos podemos tornar” (FRANCISCO, 2023). O Papa Francisco incentiva a reflexão de que a todos é facultado voltar-se a Deus em súplica, mesmo que se sintam indignos por qualquer razão. E, neste sentido, novamente o Evangelho será o ponto de referência quanto à eficácia da oração: “Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe” (cf. Mt 7, 7-8a). Na Cruz, o que se vê é o Filho que intercede ao Pai por todos: “Pai, perdoa-lhes” (cf. Lc 23,34). Cristo morreu por todos (cf. Rm 5,8), deseja a salvação de todos.

É necessário que se ressalve que essa verdade sobre a universalidade do amor de Deus não significa que Deus fica indiferente a situações de opressão, de desumanização. É justamente essa não-indiferença que leva a uma espécie de “parcialidade” de Deus em relação aos pobres e oprimidos, e que Sobrino chama de “princípio misericórdia: um amor específico que está na origem de um processo [...], dá-lhe uma determinada direção” (SOBRINO, 1994, p. 32). É o que se pode constatar com a narrativa do evangelista Mateus e toda a ação amorosa que se deu ao alimentar o povo faminto: “Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (cf. Mc 6,34ss). O Deus que ama a todos igualmente é o Deus da esperança (cf. Rm 15,13) e Sobrino ajuda na compreensão do que acredita ser um “salto qualitativo”, uma “ruptura epistemológica: conhece-se Deus a partir dos pobres” (SOBRINO, 2008, p. 48). Esta compreensão se alinha com o profeta Isaías, cuja profecia afirma ser para o pobre e para o abatido que os olhos do Senhor se voltam (cf. Is 66,2). A opção de Deus é inclusiva: a partir do pobre, todos; nunca sem o pobre.

Sendo para todos, o profeta revela que o olhar de Deus repousa com carinho maior aos excluídos, aos pobres, aos últimos do Reino. Miranda (2004, p. 36-37) compreende que, a partir das palavras de Jesus, é possível reconhecer que Deus ama o ser humano apenas por sê-lo. Também a práxis de Jesus evidenciará esse amor como incondicional, atemporal e com predileção pelo mais pobre e necessitado. O pobre para Jesus era o “*anawin*”, termo originário do hebraico que, segundo Jeremias (1977, p. 175), abarca os “oprimidos e os pobres, que se sabem inteiramente entregues ao auxílio de Deus”⁴.

Se a dinâmica do mundo não favorece a atenção aos mais pobres, Deus nos faz lembrar que a esperança dos pobres jamais será frustrada (cf. Sl 9,19). Para o Papa Francisco, as palavras deste salmo continuam de grande atualidade, pois “expressam uma verdade profunda, que a fé consegue gravar sobretudo no coração dos mais pobres: a esperança perdida devido às injustiças, aos sofrimentos e à precariedade da vida será restabelecida” (FRANCISCO, 2019). Para o Pontífice, os pobres são os preferidos de Deus que se fez pobre por nós (cf. 2Cor 8, 9): “os excluídos, os marginalizados, os descartados, os pequenos, os indefesos. Eles são o tesouro da Igreja, são os favoritos de Deus”⁵.

1.4 A FÉ PELA QUAL SE CRÊ

A fé é a resposta que o homem dá a Deus. Não nos salvamos por nossa própria capacidade ou mérito, mas mediante a fé. Também não é pelo cumprimento da lei ou boas obras (cf. Gl 2,16), mas tão somente confiar-se à providência divina. Tal despojamento, como que uma renúncia ascética à própria vontade, será a resposta natural e que muito ajudará na caminhada de fé como destaca Merton:

Como Deus está próximo de nós quando, reconhecendo e aceitando a nossa abnegação, lançamos inteiramente em Suas mãos os nossos cuidados! Contra toda a expectativa humana, Ele nos sustenta quando preciso, ajudando-nos a fazer o que parecia impossível (2003, p. 177).

⁴ Jeremias alarga a compreensão, inclui os que sofrem sede e fome, os nus e os estrangeiros, os doentes e os prisioneiros (cf. Mt 25,31-46) e também os que choram, os trabalhadores de trabalho pesado, os que carregam fardos, os últimos, os simples, os perdidos, os pecadores; designações com que Jesus os caracteriza (Ibidem).

⁵ Trecho de um discurso escrito pelo Papa Francisco e obtido pelo jornalista vaticanista Mimmo Muolo. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/631166-o-papa-vamos-sujar-as-maos-pelos-pobres-saos-favoritos-de-deus-tesouro-da-igreja>. Acesso em 12/11/2023.

A fé, dom de Deus (cf. Ef 2,8) e ato primeiro de nossa espiritualidade, está vinculada a uma experiência com Deus e vê suas raízes se aprofundarem gradativamente. É uma manifestação individual, interior e subjetiva, não se tem como medir. Ao confiar-se a Deus, a resultante deste processo é um gradual crescimento da certeza da ação divina e uma confiança cada vez maior. Neste sentido, Castillo dirá que “fé é uma convicção que gera uma conduta e hábitos de vida (2015, p. 56). O exemplo de Bartimeu endossa a reflexão: ele parte de sua convicção e grita a Jesus. Como consequência, faz a experiência com o Senhor. Sua conduta e interação salvífica com Jesus lhe proporcionaram um novo agir: pôs-se a seguir Jesus pelo caminho (cf. Mc 10, 52b).

A antropologia filosófica entende que somos dotados da transcendência⁶; ou seja, está dentro de nós o desejo, um ânimo ontológico de transcender, buscar algo que está além, o que no cristianismo se entende ser a busca por nos relacionarmos com Deus. Pode-se, portanto, entender que Deus colocou dentro de toda a Criação o “desejo por Ele”. A fé, portanto, pressupõe e é resultado desta relação que estabelecemos com Deus, dessa resposta positiva que a Ele damos. Assim, “não existe verdadeira fé cristã quando não existe esta resposta pessoal, este empenho vital, esta aceitação real de Deus na nossa vida” (RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 61).

Alimentada no interior de cada criatura como dom divino, a fé implica em um processo ascético de exercício e disciplina que passa, muitas vezes, por expor-se ao desconhecido, velado, mas que, de experiência em experiência, obtém certeza na incerteza. “Experiência de Deus é, em suma, a ‘fé viva’ ou a ‘fé vivida’. [...] De fato, fé implica, entre outras coisas, em ‘experimental Deus’. Esse é o lado subjetivo da fé, chamado ‘fé fiducial’ ou *fides qua*: a fé ‘pela qual’ (*qua*) o fiel se entrega afetiva e efetivamente a Deus” (BOFF, 2017, p. 7).

O texto bíblico não nos permite saber muito de Bartimeu, especificamente sobre sua fé, nada é descrito. Bartimeu, cego, e Abraão, a quem Deus não se fazia ver, tinham algo em comum: ambos não viram a Deus, mas creram. A reflexão do Papa Francisco na Carta Encíclica *Lumen Fidei* auxilia nesta reflexão:

A fé desvenda-nos o caminho e acompanha os nossos passos na história. Por isso, se quisermos compreender o que é a fé, temos de explicar o seu

⁶ “A relação de transcendência é, evidentemente, compreendida no discurso da Antropologia Filosófica como uma categoria antropológica, ou seja, como um conceito ontológico primeiro por meio do qual o sujeito se afirma como ser. O homem é para a transcendência” (VAZ, 1992, p. 97).

percurso, o caminho dos homens crentes, com os primeiros testemunhos já no Antigo Testamento. Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um fato impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama por nome. A fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a sua voz. Deste modo, a fé assume um carácter pessoal: o Senhor não é o Deus de um lugar, nem mesmo o Deus vinculado a um tempo sagrado específico, mas o Deus de uma pessoa, concretamente o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, capaz de entrar em contacto com o homem e estabelecer com ele uma aliança (LF 8).

Apesar da cegueira, Bartimeu ouviu e reconheceu ser Jesus quem estava passando perto de si. Ao gritar “Filho de Davi”, nos é possível deduzir que Bartimeu era conhecedor da tradição oral que lhe assegurava tal certeza no Deus da aliança. Tão logo Jesus lhe pergunta sobre o que deseja que lhe seja feito, Bartimeu não hesita em pedir-lhe a cura. O texto parece indicar que a certeza de Bartimeu provém de tantas histórias de curas e milagres contadas, de geração a geração, mas também o que já circulava de relatos dos sinais de Jesus. Bartimeu tem para si a memória da promessa, sua fé é alimentada “na esteira da fé de Abraão” (LF 12).

Não nos salvamos por nossa capacidade, mas mediante a fé (cf. Gl 2,16). Entretanto, crer é o início desta relação que se dá por três estágios, ou graus, no relacionamento com Deus: acreditar, confiar e depender. No primeiro, o crer não se limita a acreditar que Deus exista, pois também os demônios crêem, mas estremecem (cf. Tg 2,19). Implica em viver numa entrega total e incondicional à providência de Deus. Assume-se, por conseguinte, o segundo estágio, o da confiança, que é este abandono de si, tendo por certeza que é Deus quem cuida e nos é fiel. Por terceiro, a fé inclui obedecer, depender; e, ao submeter-se a Deus, esperar com esperança ativa, seguir caminhando.⁷

Tem-se que a fé é dom, mas também podemos compreendê-la como um mistério para a racionalidade humana; sim, um “sentir”, um mover interno que não se pode explicar, mas que no agir pressupõe que algo dará certo. Neste sentido, o engrandecimento da fé também se dá pelo exercício de confiar e perceber o agir fiel de Deus. Ou, como popularmente se afirma: seguir caminhando, ainda que não veja a estrada, mas com a certeza de que Deus segue à frente pavimentando-a.

O Espírito fortalece aquele que se confia a Deus, ainda que esta confiança se veja dependente de um tempo o qual não se pode controlar ou prever. Para tanto, e

⁷ “[...] na Bíblia hebraica, a fé é indicada pela palavra ‘*emûnah*, que deriva do verbo ‘*amàn*, cuja raiz significa «sustentar». O termo ‘*emûnah* tanto pode significar a fidelidade de Deus como a fé do homem. O homem fiel recebe a sua força do confiar-se nas mãos do Deus fiel.” (LF 10).

de modo a não esmorecer na perseverança, importa compreender que são nas provas pelas quais a fé passa que a paciência se solidifica e faz a sua obra (cf. Tg 1,3). Neste sentido, em meio à fragilidade da perseverança, importa lembrar da dimensão social da fé: a resposta pessoal da fé se dá em meio ao convívio de uma comunidade. Na vida fraterna, “o ‘eu’ do crente é inseparável do ‘nós’ da comunidade e vice-versa” (RAMOS-REGIDOR, 1989, p. 62).

A cura de Bartimeu merece atenção especial na cristologia, pois, conforme a narrativa do evangelista Marcos, acontece quando da ida de Jesus à Jerusalém, momentos antes de sua Paixão. Neste ínterim, estando atento à vontade do Pai, Jesus lhe restaura a visão, restaura sua autonomia na caminhada. Essa cura apresenta-nos um conjunto conforme exposto nos parágrafos anteriores: Deus que ama incondicionalmente, volta seu olhar àquele não tem a quem recorrer além da providência divina e a esta se confia. Misericordioso, Jesus dá a Bartimeu a oportunidade de externar sua fé ao questioná-lo sobre o que desejava e o vê responder confiantemente: “Rabbuni! Que eu possa ver novamente!”.

CAPÍTULO II

ANÁLISE HERMENÊUTICO-TEOLÓGICA DE Mc 10,46-52

Apesar de termos o mesmo episódio nos demais sinóticos (cf. Mt 20,29-34; Lc 18,35-43), o único a citar nominalmente Bartimeu será Marcos. Sobre o filho de Timeu, e quanto a esse ser referenciado pelo nome, Born infere ser “provável que ele tenha adquirido certa popularidade na comunidade cristã” (1977, p. 160).

A primeira Carta Encíclica do Papa Francisco menciona que “a fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor” (LF 4). À luz desta condicionante, o relato permite-nos inferir que Bartimeu teria esta certeza, uma vez que submeteu-se, mesmo sob o risco de ser repreendido, a clamar para si o olhar e piedade de Deus. Possibilita-nos, dedutivamente, concluir que tinha certeza de que seu futuro, sua libertação estava n’Aquele que por ele passava.

No caminho, subindo para Jerusalém e em vista de consumir seu sacrifício (cf. Mc 10, 32ss), Jesus, os discípulos e grande multidão passam por Jericó. Sentado à beira do caminho (cf. Mc 10,46), o cego mendicante Bartimeu necessita que algo lhe aconteça para que volte a enxergar. É seu desejo, no entanto, tem consciência de que não depende de si, de seu esforço, mas da graça de um milagre⁸, como expressa no pedido a Jesus: “tende compaixão de mim” (cf. Mc 10,47-48). Por sua fé, Jesus não lhe nega a cura e Bartimeu se põe a segui-lo pelo caminho (cf. Mc 10,52).

A análise exegética desta perícopé apresentará grande riqueza teológica, cristológica, pastoral e espiritual. Sob uma ótica inicial, o episódio expõe apenas mais uma cura física de cegueira, o que denota uma compreensão literal do texto bíblico. Entretanto, Theissen (1999, p. 351) interpreta que o milagre da cura de Bartimeu anuncia um passo do velho para o novo mundo como expressão da vontade salvífica de Deus. Destaca, sobretudo, a importância da fé, não apenas daquele que foi curado, mas do entorno. Faz referência à falta de fé dos concidadãos de Jesus, em Nazaré (cf. Mc 6,5s), para destacar que um ambiente de incredulidade não se faz propício a que o milagre aconteça.

⁸ “Os milagres [...] trazem as arras da salvação messiânica que terá seu cumprimento no Reino Escatológico. [...] Por eles, com efeito, Jesus, movido por sua piedade humana, mas mais ainda por sua consciência de ser o Servo prometido, faz efetivamente recuar a doença, a morte, a hostilidade da natureza contra o homem, em suma, toda a desordem que tem como causa mais ou menos próxima o pecado e serve ao domínio do demônio sobre o mundo” (LÉON-DUFOUR, 1999, p. 587).

Bartimeu clama a Jesus pelo título de “Filho de Davi”. Sua esperança de cura está pautada na certeza do cumprimento das promessas conforme a compreensão da fé judaica. Jesus seria o messias esperado? Os relatos de curas se espalhavam (cf. Mt 9,31; Mc 1,45; Mc 7,36; Lc 5,15). Neste sentido, vale o destaque de que “na tradição judaica, abrir os olhos era a cura messiânica por excelência, o sinal para a identificação do verdadeiro messias” (MIRANDA, 2000, p. 263). Além disso, quando de sua apresentação na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,16-19), Jesus rememora a profecia de Isaías (Is 61,1-2). Na profecia de Isaías e também na fala de Jesus, dentre as missões reveladas pelo Espírito do Senhor foi da cura física da cegueira: “aos cegos a recuperação da vista”.

Quanto ao sentido teológico da cura dos olhos, Miranda pontua serem em número total de sete. O número, que evoca a totalidade, denota que “Cristo vem abrir os olhos de todos para que vejam o Invisível” (2000, p. 263). Tomando por referência o conforme o relato joanino - “Para um discernimento é que vim a este mundo: para que os que não vêem, vejam, e os que vêem, tornem-se cegos” (cf. Jo, 9,39) -, o autor pondera que, enquanto restabelece a visão dos cegos, as ações de Jesus ofuscam os que tem boa visão.

Neste capítulo temos o propósito de, através da análise exegética da perícopre referida, extrair compreensões hermenêutico-teológicas do texto do evangelista São Marcos. Espera-se avançar em maior profundidade sobre a condição social do cego Bartimeu, o que levou Jesus a desejar escutá-lo e qual aprendizado se pode obter além do relato alegórico da cura.

2.1 EVANGELHO DE MARCOS: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

A compreensão mais aceita é de que o texto do Evangelho atribuído à autoria de Marcos teria sido o primeiro a juntar a tradição oral e escrita para compilar no que hoje nos é apresentado. Outro consenso é de que o conteúdo tenha por origem as pregações de Pedro, as quais, posteriormente, foram transcritas por Marcos. Desta forma, os escritos não teriam sido fruto de fatos presenciados por Marcos, mas narrados por Pedro.

Dentre os quatro relatos do Evangelho, é o único que tem em suas primeiras palavras uma introdução direta na qual afirma determinadamente que Jesus Cristo é o Filho de Deus (cf. Mc 1,1). O cerne consistirá precisamente na identificação de

Jesus, como pode ser constatado nas palavras de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mc 8,29), e do centurião romano: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39) .

O Evangelho segundo Marcos tem por característica não apenas a centralidade em Jesus, seu seguimento e, de forma acentuada, sua humanidade. Farto em narrativas dos milagres e gestos prodigiosos feitos por Jesus, evidencia a compreensão de Jesus como sendo o Messias há muito prometido, esperança do povo sofrido. No primeiro versículo, identifica ser Jesus o Filho de Deus. No entanto, ao longo das narrativas, deixa evidente o pedido de Jesus para que sua identidade fosse mantida sob sigilo.

Dentre os sinóticos, é o escrito mais curto, apenas 16 capítulos. Já em seu primeiro capítulo convoca discípulos, proclama o Evangelho de Deus, clamando por conversão e realiza diversas curas. Atuando na Galileia e arredores, começa a convocar seus primeiros discípulos: Simão e André.

Outra característica demonstrada é a insistência de Jesus para que se mantivesse o sigilo sobre seus feitos. No entanto, mesmo diante do pedido de anonimato, uma multidão de seguidores começa a se formar conforme Jesus seguia seu caminho e missão. O ritmo com o qual Marcos descreve as ações de Jesus parece nos conduzir à reflexão do quanto Deus fez (e faz) por nós em Seu Filho.

Hahn e Mitch (2014, p. 21) consideram que o autor do Quarto Evangelho se utiliza de uma forma de escrita que “convida todos os fiéis a olhar para Jesus com os olhos da fé, a aceitá-lo com esperança e a imitá-lo em seu heróico amor”. Apontam que são dois os aspectos que se sobressaem no conjunto do texto: um deles já citado acima, da tentativa de Jesus em manter segredo e não expor sua identidade enquanto o Messias e o segundo, sua filiação divina. “O reconhecimento de Jesus como o divino Filho de Deus é o próprio objetivo do evangelho de Marcos” (HAHN; MITCH, 2014, p.22).

Uma possível compreensão da estrutura do quarto Evangelho seria:

1. Missão de Jesus na Galileia (1,1 – 8,26)
2. Missão de Jesus fora da Galileia (8,27 – 10,52)
 - a. Caminho para Jerusalém (9,2 – 10,52)**
3. Missão de Jesus em Jerusalém (Mc 11 – 13)
4. Paixão e ressurreição de Jesus (Mc 14 – 16)

Desta forma, é possível identificar que o trecho em estudo (Mc 10,46-52), cujo aprofundamento se dará no próximo sub-item, está situado ao final da missão de Jesus na Galileia e regiões vizinhas (grifo em negrito), portanto já se dirigindo para sua missão em Jerusalém, que culminaria em sua Paixão.

2.2 ESTUDO EXEGÉTICO POR VERSÍCULOS (Mc 10,46-52)

Antes da análise do texto com maior detalhamento de cada versículo, reproduzimos aqui o texto da perícopie em estudo. Para tanto e dada a diversidade e disponibilidade de versões de tradução dos textos bíblicos, tomaremos por objeto o texto de Marcos 10,46-52 apenas em sua língua original, conforme a vigésima oitava edição do *Novum Testamentum Graece*, e a versão de uma tradução mais recente do Novo Testamento, lançada pelas Paulinas em 2015:

⁴⁶ Καὶ ἔρχονται εἰς Ἰεριχώ Καὶ ἐκπορευομένου αὐτοῦ ἀπὸ Ἰεριχώ καὶ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ καὶ ὄχλου ἱκανοῦ ὁ υἱὸς Τιμαίου Βαρτιμαῖος τυφλὸς προσαίτης ἐκάθητο παρὰ τὴν ὁδόν ⁴⁷ καὶ ἀκούσας ὅτι Ἰησοῦς ὁ Ναζαρηνὸς ἐστὶν ἤρξατο κράζειν καὶ λέγειν Υἱὲ Δαυὶδ Ἰησοῦ ἐλέησόν με ⁴⁸ Καὶ ἐπετίμων αὐτῷ πολλοὶ ἵνα σιωπήσῃ ὁ δὲ πολλῷ μᾶλλον ἔκραζεν Υἱὲ Δαυὶδ ἐλέησόν με ⁴⁹ Καὶ στὰς ὁ Ἰησοῦς εἶπεν Φωνήσατε αὐτόν Καὶ φωνοῦσιν τὸν τυφλὸν λέγοντες αὐτῷ Θάρσει ἔγειρε φωνεῖ σε ⁵⁰ Ὁ δὲ ἀποβαλὼν τὸ ἱμάτιον αὐτοῦ ἀναπηδήσας ἦλθεν πρὸς τὸν Ἰησοῦν ⁵¹ Καὶ ἀποκριθεὶς αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν Τί σοι θέλεις ποιήσω Ὁ δὲ τυφλὸς εἶπεν αὐτῷ Ραββουνὶ ἵνα ἀναβλέψω ⁵² Καὶ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ Ὑπάγε ἡ πίστις σου σέσωκέν σε καὶ εὐθὺς ἀνέβλεψεν καὶ ἠκολούθει αὐτῷ ἐν τῇ ὁδῷ

⁴⁶ Chegaram a Jericó. Quando ele estava saindo de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, o filho de Timeu, Bartimeu, um cego mendigo, estava sentado à beira do caminho. ⁴⁷ Tendo ouvido que era Jesus Nazareno, começou a gritar: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!” ⁴⁸ Muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava ainda mais forte: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!” ⁴⁹ Jesus parou e disse: “Chamai-o”. E chamaram o cego, dizendo-lhe: “Tem confiança, levante-se, ele te chama”. ⁵⁰ Ele, tendo jogado para longe seu manto, deu um salto e foi para

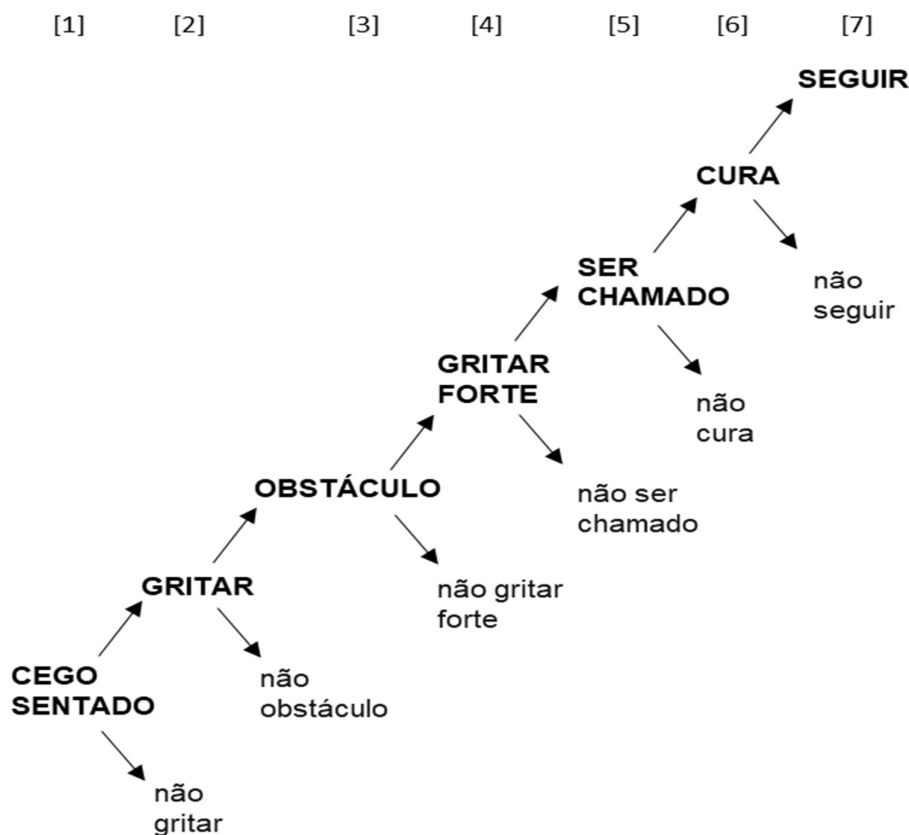
perto de Jesus. ⁵¹ Dirigindo-se a ele, Jesus disse: “Que queres que eu te faça?” O cego disse-lhe: “Rabuni, que eu volte a ver”. ⁵² Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”. E logo voltou a ver e o seguia no caminho.

Seguindo, o estudo se dará em duas etapas: a primeira que será uma análise da sequência de ações, decisões e situações que, sob a forma de um diagrama (Figura 1), possibilitará uma compreensão holística da perícopes, desde quando Jesus (e todo o povo) chega a Jericó até a decisão final tomada por Bartimeu. Propiciará que se possa visualizar e analisar que a narrativa tem uma cadência, permeada por tomada de decisões. No segundo momento, a crítica textual propriamente, não limitada à perícopes mas também no contexto maior do Evangelho e sua relação eventual com os demais textos sagrados.

2.2.1 Análise de seqüências de ações

Egger (1994, p. 127-129) propõe para o estudo exegético um ordenamento de ações do texto, como que um gráfico, uma representação visual simplificada estruturada apontando cada momento, as possíveis ações e a decisão tomada ou ocorrência seguinte. Cita ainda que “a aplicação de grades projetadas para a análise de seqüências de ações e de vetores pode servir para descrever melhor a característica narrativa” (p. 127). Aplicado ao relato do cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52), teremos:

Figura 1 - Alternativas e ações



Fonte: EGGER, 1994, p. 128

Se a leitura fluida da narrativa bíblica pode conduzir a atenção apenas à sequência de ações/situações já pré-concebidas, a organização conforme a figura acima, dá destaque à percepção de que a cada momento há sempre um evento que ensejará numa tomada de decisão. Por exemplo, após Bartimeu gritar forte, Jesus poderia ter chamado-o para junto de si ou não.

O diagrama facilita a visualização de que se a condição inicial de Bartimeu é de que estava sentado, ao final, após seu encontro com Jesus, se pôs a seguir a Jesus pelo caminho. Ou seja, no relato de Bartimeu, a diagramação contribui para que contemplemos as ações e circunstâncias que poderiam ter ocorrido e, com isso, valorizar e extrair melhor compreensão do texto apresentado. Seguindo a numeração (de 1 a 7) da figura acima, cada qual relacionada a um ponto nodal, algumas das possíveis observações são:

- (1) Evidencia-se o status inicial de Bartimeu, sentado à margem, inerte, à espera do que poderia acontecer para si naquele dia, como outro qualquer. Tal inércia se contrapõe ao que se poderá ver nos versículos finais da perícopé, quando Bartimeu se move ao encontro daquele em quem depositou confiança de cura e, finalmente, já curado decide-se por seguir o caminho com seu Salvador.
- (2) Sua tentativa de atrair a atenção de Jesus para si poderia ter sido comedida, mas talvez a angústia de saber ser a ocasião propícia ou em decorrência da multidão que acompanhava o Mestre, Bartimeu não se contém: grita! Sua condição de cegueira talvez não o permitisse ir ao mesmo, sequer ter certeza de quão perto estaria, esforça-se, portanto, para que sua voz, seu clamor chegue ao destinatário.
- (3) O processo de conversão não é um caminho sem contrariedades.
- (4) Das oposições e obstáculos que se fazem presentes, importa superá-las, com o mesmo ímpeto ou até superior que o inicial, como no caso de Bartimeu, que grita ainda mais forte. O diagrama proposto por Egger faz-nos considerar as tantas vezes que se desiste, deixando-se tomar pela incredulidade em lugar da perseverança. Bartimeu seguiu convicto e teve para si a atenção de Jesus, que parou e pediu que o chamassem.
- (5) Deus está sempre disponível àquele que o busca (cf. Mt 7,7-8). A fé de Bartimeu lhe credenciou a receber o que desejava quando questionado por Jesus.
- (6) Jesus não deixa Bartimeu desamparado. Se em momentos anteriores Jesus presenciou tamanha falta de fé dos discípulos (Mt 8,26; Mc 6,50; 8,11), neste encontro deixa claro ao filho de Timeu: “Vai, tua fé te salvou”. A perícopé valoriza e atrai a atenção à fé de Bartimeu como motivação para a cura.
- (7) Neste último momento, precedido pela cura, seria possível nos depararmos com diversos comportamentos, apesar de o diagrama demonstrar apenas o seguir ou não Jesus, até porque este se dirigia para Jerusalém seguido por uma multidão como afirma o texto. Dentre os diversos relatos bíblicos das curas de Jesus, pode-se recordar da narrativa lucana (cf. Lc 17,11-19), cujo episódio de cura dos dez leprosos na região da Galiléia, cronologicamente antes de chegar em Jericó, ensejou em apenas um dos curados, o samaritano, a retornar

para agradecer a Jesus. Jesus cura Bartimeu e nada pede. No entanto, o curado se põe a servir seguindo-o pelo caminho. Ao ser (re) humanizado com a cura, compreende o sentido e vive a redenção do Salvador no já de sua história. A narrativa em estudo endossa tal compreensão apresentando-nos a fala de Jesus: “tua fé te salvou”. Ou seja, da presença de Jesus e sua experiência salvífica com o Filho de Deus, Bartimeu muda radicalmente de marginal sentado para um caminhante, discípulo missionário.

2.2.2 Comentário por versículos

Conforme se apresenta no Evangelho segundo Marcos, Jesus estava indo da região da Judeia, subindo em direção a Jerusalém. No caminho, dentre os ensinamentos que Jesus apresentava, lembra-os que no abandonar-se ao serviço em vista do próximo, a recompensa maior será a da vida na eternidade (cf. Mc 10, 28ss).

Continuando a caravana em peregrinação, disse em particular aos Doze que, chegando à cidade de Jerusalém, seria entregue ao sumo sacerdote e aos escribas para sua condenação, morte e ressurreição. Os discípulos não compreende. Assim sendo, dois deles questionam privilégios para si: estar ao lado de Jesus na glória. Recebem a resposta de que quem desejasse ser o primeiro, antes deveria ser servo de todos (cf. Mc 10,43-45).

Note-se que, segundo os relatos deste Evangelho, outras curas e ensinamentos já haviam sido realizadas. Através do exemplo Jesus os ensinava como os que desejavam segui-lo deveriam agir cotidianamente. É justamente esta sequência aprendizados que claramente não foi absorvida pelos discípulos e que se deram momentos antes do encontro com Bartimeu.

Uma vez contextualizado, apresentamos a seguir breves comentários, versículo por versículo, do relato sobre Bartimeu:

46 *Chegaram a Jericó. Quando ele estava saindo de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, o filho de Timeu, Bartimeu, um cego mendigo, estava sentado à beira do caminho.*

Dentre os cegos curados nos relatos das Sagradas Escrituras, Bartimeu é o único que tem seu nome exposto e a referência ao pai, Timeu, pode denotar que fosse

já conhecido pelas pessoas. Neste versículo introdutório, o evangelista detalha a condição de Bartimeu: cego, mendicante e sentado à beira do caminho.

No tempo de Jesus, havia a compreensão de que algumas condições e doenças, incluindo a cegueira, seriam consequências de pecados ou porque as pessoas estivessem possuídas por espíritos malignos. Ser cego denotava, segundo a cultura de então, ausência da graça e da misericórdia de Deus⁹. O livro do Eclesiástico afirma que “é melhor morrer do que mendigar” (Eclo 40,29b), enquanto Born (1977, p. 971) destaca que, naquele tempo, “os cegos e os pobres eram obrigados a mendigar”. Em resumo, a um cego mendicante restava-lhe uma vida excludente, fadada à falta convivência pela ação discriminatória.

Não nos é possível deduzir o que levou Bartimeu a tal estágio, apenas que sua cegueira não seria de nascença pois responde a Jesus que deseja *voltar* a enxergar.

47 Tendo ouvido que era Jesus Nazareno, começou a gritar: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!”

Cego dos olhos, porém ouvidos atentos. Compreendeu ser Jesus de Nazaré quem estaria passando por onde estava sentado. Não havia presenciado as curas já realizadas, porém nos é possível inferir que a informação passada de um ao outro lhe davam tal certeza. Bartimeu demonstrou não ser um cego espiritual.

O povo judeu sempre sonhou com um reino de justiça e paz, no qual o ungido do Senhor, descendente de Davi, reinaria para a salvação de todos, sobretudo os mais penalizados pelas mazelas sociais, políticas e religiosas de então. Bartimeu associa então Jesus ao Messias, o ungido que poderia lhe curar e crê. Bartimeu pede a misericórdia (ἐλέησόν) como o salmista (ἐλέησόν cf. Sl 50,3).

Dentre os títulos atribuídos a Jesus, “Filho de Davi” exprime a perspectiva de arauto da salvação. “Esta é a primeira aplicação pública do título messiânico ‘filho de Davi’ a Jesus. É também o primeiro reconhecimento (fora o de Pedro) da verdadeira identidade de Jesus por um ser humano e não por um demônio” (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 110). Remete à profecia de Natã (cf. 2Sm 7,16) a qual

⁹ O livro do Levítico (Lv 21,17ss) apresenta o registro da instrução do Senhor a Moisés quanto aos impedimentos ao sacerdócio. Ali, nenhum dos descendentes de Aarão, em qualquer geração, que tivesse algum defeito, dentre outros a cegueira, poderia praticar o oferecimento de sacrifícios e tampouco aproximar-se do altar, de modo a não profanar as coisas sagradas.

exprime a fé na perenidade davídica, cuja transcendência messiânica estaria na pessoa de Jesus. Libanio (2013, p. 18) destaca dois traços sobre a pessoa de Jesus: o nascimento na carne e a característica de taumaturgo misericordioso.

Além de Bartimeu, na cura de dois cegos (cf. Mt 9,27) e da mulher cananeia (cf. Mt 15,22), todos se voltam para Jesus através de um clamor por misericórdia e nomeando-o “Filho de Davi”. O mesmo reconhecimento messiânico se dá quando de sua chegada a Jerusalém: “Hosana ao Filho de Davi” (cf. Mt 21,9). No templo, gritavam de forma similar quando viram Jesus curar cegos e coxos que foram ao seu encontro (cf. Mt 21,15). Destaca também o apóstolo Paulo a dupla condição (cf. Rm 1,3-4): filho de Deus pela força do Espírito e Filho de Davi pela carne (LIBANIO, 2013, p. 18-27).

48 Muitos o repreendiam para que se calasse, mas ele gritava ainda mais forte: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!”

O pedido que se calasse é o obstáculo no caminho da fé, a provação, como comumente denominamos. Bartimeu, no entanto, demonstra estar imbuído de uma resoluta perseverança. Não se incomoda, tampouco se retrai diante da adversidade. Pelo contrário, o evangelista é específico ao destacar a atitude de Bartimeu: este grita ainda mais forte. Não tendo mais o que perder, se restava convicto de ser sua única alternativa ser curado, obter compaixão e misericórdia daquele que acreditava ser o Messias, por isso manteve a fé e se utilizou da única estratégia que sua condição física lhe permitia usar: gritar. Na condição que sobrevivia, qualquer unidade de tempo seria demasiadamente grande, um longo período. Havia, portanto, de insistir antes que Jesus passasse, enquanto ainda o podia escutar.

49 Jesus parou e disse: “Chamai-o”. E chamaram o cego, dizendo-lhe: “Tem confiança, levanta-te, ele te chama”.

Sendo Bartimeu vítima do indiferentismo da sociedade ou não, Jesus não passa por ele sem atender ao seu clamor, sua súplica. Quer estar na presença daquele que a ele busca (cf. Mt 11,28-30). E eis o chamado! Ainda que se utilize dos que o seguiam, Jesus faz o chamado a Bartimeu como havia feito outras vezes ao proferir o conhecido “Vem e segue-me”. O chamamento fará conjunto com o último verbo conjugado no versículo – “seguia no caminho”.

Após a ordem de Jesus, a atitude da multidão passa da repreensão ao encorajamento. Se em algum momento se julgaram privilegiados por seguirem a Jesus, a atitude do Mestre demonstrou que não se deve passar ao largo do outro que necessita de ajuda.

50 *Ele, tendo jogado para longe seu manto, deu um salto e foi para perto de Jesus.*

No caso dos mendicantes, o manto era estendido no chão para receber as esmolas. Cheio de fé, Bartimeu é resoluto, desfaz-se de seu manto como quem já não necessitará mais dele, mesmo que ainda não tivesse sido curado. Ao gritar conseguiu ter a atenção e a possibilidade de estar com o Messias. Isto lhe foi suficiente para acreditar na cura e na vida nova que teria. O discípulo é chamado a deixar tudo que tem (cf. Mc 10,28-31).

51 *Dirigindo-se a ele, Jesus disse: “Que queres que eu te faça?” O cego disse-lhe: “Rabuni, que eu volte a ver”.*

Jesus dá a oportunidade de que o cego expresse o que deseja (cf. Mt 7,7-11), espera que tenha a confiança íntima de lhe apresentar suas necessidades. Se momentos antes, Tiago e João haviam pedido a honra de ocupar posições privilegiadas ao lado de Jesus, Bartimeu pede apenas que lhe restaure a visão.

52 *Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”. E logo voltou a ver e o seguia no caminho.*

Schillebeeckx (2008, p. 185) afirma que, na visão de Marcos, Jesus rejeita o “milagre por encomenda”, cujo objetivo seria para comprovar seu messianismo. S em Mc 8,11 os fariseus provocam Jesus pedindo um “sinal do céu” (que comprovaria ser Filho de Deus), Bartimeu é necessitado e tem fé, o que vai de encontro com o que motiva Jesus: “simplesmente ajudar pessoas necessitadas” (SCHILLEBEECKX, 2008, p. 185). O autor compreende que, assim, Jesus evita que as conversões se dêem apenas por milagres, mas se deem, antes, por conhecerem quem é Jesus e como age cotidianamente, sua personalidade e essência.

Percebamos que Jesus não diz “tua fé te curou”, mas “tua fé te salvou”. Schillebeeckx (2008, p. 188-189) aponta ter similaridade com a narrativa da cura dos

dez leprosos (cf. Lc 17,11-19), onde todos foram curados e somente um voltou para agradecer e, justamente a este, que voltou por iniciativa pessoal e “glorificando a Deus em voz alta” (Lc 17,15), Jesus diz: “Levanta-te, vai; tua fé te salvou” (Lc 17,19). A fala de Jesus se repete também nas curas da hemorroísa e da filhinha de Jairo (cf. Mc 5,21-24.35-43). Conclui-se que, nestes exemplos, como em Bartimeu, a fé se apresenta como última esperança, elemento chave da confiança. Em resumo, Schillebeeckx compreende que “na relação entre fé e milagre, essas obras fazem parte da missão de Jesus em levar seres humanos a terem fé em Deus” (SCHILLEBEECKX, 2008, p.190).

Examinados os versículos sob uma perspectiva mais individual, importa também analisar toda a perícopes em si mesma, mas sobretudo em um contexto maior da narrativa do Evangelho.

2.3 ANÁLISE DO CONTEXTO LITERÁRIO E TEOLÓGICO

Dos sete versículos que compõe a perícopes em estudo, apenas o último se refere à cura em si e, mesmo assim, a segunda metade da narrativa já se volta ao seguimento. Marcos parece demonstrar com essa estrutura literária que, não reduzindo a questão da cura, quer concentrar a atenção do leitor no passo a passo da atitude perseverante, no processo de metanóia, no discipulado de Bartimeu.

O relato do cego Bartimeu pode ser analisada em conjunto com a da cura de outro homem cego que volta a ver, quando chegaram a Betsaida (cf. Mc 8, 22-26). A saber, o texto diz que levaram a Jesus um cego e pediram-lhe a cura. Jesus o toma pela mão e leva-o para fora do povoado que se encontravam. Cospo em seus olhos, impõe a mão para a cura, mas o cego vê apenas vultos. Jesus faz um novo movimento de imposição e o texto indicará que o cego “voltou a ver claramente tudo” (cf. Mc 8,25).

Podemos agora tecer comparações dentre os relatos do processo de cura: no que ocorreu cronologicamente primeiro, o cego foi levado a Jesus e a cura se deu em dois estágios, antes parcial, depois pleno; no segundo, foi o protagonismo e persistência de Bartimeu que o fez chegar a Jesus e sua visão foi imediatamente restabelecida tão logo respondeu a Jesus o que desejava. Os relatos nos permitem concluir que ambos os cegos já tiveram visão plena em algum momento de suas vidas.

Estes dois relatos têm em comum a companhia dos discípulos. Pouco antes da cura do cego de Betsaida, Jesus havia dito aos discípulos: “Tendes olhos e não vedes,

tendes ouvidos e não ouvistes?” (cf. Mc 8,18). Jesus alertava quanto à cegueira e surdez daqueles que os seguiam e não compreendiam, não o reconheciam como Messias, o Filho de Deus.

No cego de Betsaida, a imagem do discípulo que precisa aprender a ver. Precisa de ajuda e o aprendizado é gradual, metaforicamente apresentado pela cura em dois estágios. Tomado pela mão de Jesus, precisa deixar-se conduzir até que tenha sua autonomia de seguir a missão. Bartimeu, por sua vez, demonstra avidez por voltar a enxergar, avidez por sua liberdade; demonstra estar pronto para se colocar no caminho junto àquele que antes mesmo de curá-lo, já o reconhecia ser o Messias. A certeza de Bartimeu contrasta com a necessidade que os discípulos tinham de que Jesus realizasse as curas para, enfim, deduzirem ser ele o Messias ou mesmo alguém especial.

Ratifica a compreensão deste episódio o comentário de São Jerônimo, na obra compilada por Brown, Fitzmyer e Murphy (2011, p. 109): “Ela é tanto um relato de vocação quanto um relato de cura. A reação de Bartimeu a Jesus e sua boa vontade em segui-lo no caminho do discipulado contrasta com a má compreensão e cegueira dos discípulos demonstradas durante a jornada.” Afirma ainda que “à luz da jornada iniciada em 8,22 com destino a Jerusalém, a descrição sugere que Bartimeu se uniu a Jesus em sua experiência da paixão (2011, p. 110).

As duas narrativas constituem, portanto, um quadro literário dentro do qual se situa uma reflexão que demonstra que os discípulos ainda não entendiam os ensinamentos e valores de Jesus, os quais deveriam ser modelo para o estilo de vida deles. A cura de Bartimeu será o último milagre narrado no Evangelho de Marcos, precede a entrada em Jerusalém para ser condenado, crucificado e morto no alto da Cruz. A condenação de Jesus será consequência da cegueira dos que os seguiam.

Seguiremos o estudo objetivando ressignificar estes ensinamentos evidenciados: reconhecer Cristo no próximo, permitirmo-nos sermos conduzidos para que não incorramos na cegueira que mata e, com isso, exercermos um discipulado mais fidedigno ao fundamento evangélico.

CAPÍTULO III

OS BARTIMEUS DE HOJE

No primeiro capítulo deste estudo procurou-se refletir sobre o amor incondicional de Deus. Neste terceiro capítulo, se apresenta novamente esta urgência. Não há melhor fora de retribuir a este amor que reconhecer sermos chamados a imitar este Deus que, em sua bondade e sabedoria, revelou-se a nós pela encarnação de seu Filho e nos deu a conhecer o mistério da sua vontade (DV 2). A depender dos que acompanhavam Jesus, talvez Bartimeu houvesse sido ignorado. Os discípulos e multidão que já estavam seguindo o Mestre, demonstraram não haver aprendido a ver, ouvir, agir como o tinham por exemplo. Mais que ignorar Bartimeu, tentaram silenciá-lo para não incomodar. A missão do convertido não é apenas seguir, adotar um nome (hodiernamente denominado cristão) emanar os velhos hábitos. O seguimento deve ser composto por um novo agir que vise uma outra finalidade, mudança de mentalidade, deixando para trás o que não comunga com o novo que Deus apresenta. Vejamos, assim, a compreensão do Papa Francisco:

Através da oração e do discernimento, o Espírito Santo nos ajuda a realizar o “apostolado do ouvido”, ou seja, escutar com os ouvidos de Deus para poder falar com a palavra de Deus. E assim nos aproximamos do coração de Cristo, do qual brota nossa missão, e da voz que atrai para Ele. Uma voz que nos revela o centro da missão, que é chegar a todos, buscar a todos, acolher a todos, envolver a todos, sem excluir ninguém (COLLET, 2023).

A insistência do pronome “todos” na fala do Santo Padre salta aos olhos. A língua portuguesa considera este como um pronome indefinido, o que, para a reflexão posta, pode ser colocado em referência à totalidade das pessoas. Não há distinção, pois se refere a todos e qualquer um. Todos são necessitados e a todos são devidos o acolhimento, amor, justiça, atenção e zelo. Pastoralmente, é essencial perguntar-se: nos recordamos do “centro da missão” em tempo integral e em quaisquer circunstâncias? Temos uma lista própria ou condições mínimas para definir a quem buscar, acolher ou me fazer próximo?

Jesus apenas seguia o caminho e fazia a vontade do Pai (cf. Jo 6,38). Não age para impressionar, mas para acolher, cuidar, restaurar a dignidade. Não deixa perecer nenhum dos seus. Ao resgatar a humanidade dos marginalizados os permite caminhar, restaura a autonomia da decisão de seguir. A cura de Bartimeu evidencia

esta reflexão por pelo menos dois motivos: se Jesus simplesmente passasse por Bartimeu sem se deter a ele, seria apenas mais um nessa dinâmica. Jesus, no entanto, quer lhe resgatar a dignidade e assim o faz. O segundo motivo: valorizar a fé de Bartimeu. Vale a pena ter esperança, é necessário e bom sustentar a fé, ainda que custe dias “à margem” e a luz no caminho pareça não mais voltar. Não nos cabe questionar, mas entender que a obra de Deus se realiza em seu tempo (cf. Ecl 3,1-11). Jesus atesta essa verdade e, como resposta, Bartimeu se põe a caminhar (LIBANIO, 2013, p. 90-93).

A abundância de situações de curas e milagres é evidente nos relatos do Evangelho, conforme resume Castillo (2015, p. 302):

Nos quatro Evangelhos se podem ler, pelo menos, 82 relatos ou referências a ações prodigiosas de Jesus que tem uma relação direta com a saúde com o cuidado pela vida. [...] Sem dúvida alguma, Jesus considerou que melhorar a saúde das pessoas e dar vida as pessoas era uma tarefa fundamental em sua vida e na missão que tinha que cumprir para nos falar de Deus e para nos tornar Deus presente.

Apesar de, por diversas vezes, Jesus pedir que não divulgassem tais curas, também não há evidência de que houvesse pretensão sua de agir no escondimento. Pelo contrário, o que se viu foi o seu agir sempre com especial atenção à promoção da vida, e o resgate da dignidade das pessoas, especialmente dos oprimidos e das vítimas.

Com tal dinâmica, cada vez mais se juntavam a Jesus os que se admiravam e ansiavam por um libertador, por quem lhes provesse de justiça. Vejamos mais alguns destaques do Padre Libanio:

Jesus curou-os à distância (cf. Lc 17,12-19; Mt 8,13; Mc 7,24-30) e de perto, tocando-os (cf. Mc 1,40). Em outros casos, bastava que roçassem a fímbria da túnica para ficar curados (cf. Mc 6,56), sem mesmo que Jesus o percebesse ou só no instante da cura (cf. Mc 5,28s). Chama a atenção a preocupação de Jesus com a saúde das pessoas.” (LIBANIO, 2013, p. 91).

Libanio destaca, ainda, algumas características adicionais nessa interação miraculosa com o povo: seu senso de compaixão (agindo independente da lei), sua proximidade sem julgar o risco de contágio e o destaque de sua vontade, seu desejo imperativo de agir (cf. Mc 1,41; Mc 2,11; Mc 3,5; Lc 7,14; Mc 5,41). Ao assumir em si a humanidade, Jesus nos humaniza a todos revelando o cerne de sua essência, a

qual devemos imitar: humanizar o mundo. Em Cristo, essa passa a ser a missão primária de cada um de seus seguidores.

3.1 RESSIGNIFICAR BARTIMEU SENDO PRESENÇA DE JESUS

Amar o irmão é condição para amar a Deus (cf. Jo 4,7-21). Ao vermos o exemplo de Jesus, muito nos alegra quando somos os beneficiados por tamanha misericórdia. No entanto, Deus “pôs também a Sua misericórdia em mãos dos pecadores em potencial que somos, para que pudéssemos escolher entre o bem e o mal, vencer o mal com o bem e obter para nós mesmos a misericórdia que tivermos com os outros” (MERTON, 2003, p. 178). Essa obtenção não chega a nós por merecimento, pois é graça; mas o autor se refere a uma consequência natural: o ato de ser misericordioso com irmão gera uma resposta de misericórdia.

Deus nos deu o próximo para que o amemos (cf. 1Jo 4,11-12) e este amor gratuito e mútuo será a garantia da presença de Deus em nós. Nessa integração e convívio fraterno que o amor de Deus se faz perfeito em nós. É, portanto, no Deus que se fez carne e esvaziou-se a si mesmo tomando a imagem de servo (cf. FI 2,7) que o amor ao próximo se fundamenta. Também cada um de nós deve buscar o esvaziamento de si, de valores e prioridades para servir o próximo.

Ao citar “foi a mim que o fizeste” (cf. Mt 25,40), Jesus nos encoraja à fraternidade, abre-nos os olhos para que tenhamos em alta atenção sobretudo os pequeninos do Reino (cf. Mt 25,45). O relato do evangelista Mateus detalha os pequeninos na fala de Jesus: os que tem fome e sede, o forasteiro, o que precisa ser vestido, o doente e o preso (cf. Mt 25,35-36).

Reforça a compreensão de fé comunitária. Também a liturgia da Igreja para a Celebração Eucarística reflete esta mesma necessidade:

Abri os nossos olhos para perceber as necessidades dos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os cansados e oprimidos; fazei que os sirvamos de coração sincero, seguindo o exemplo e o mandamento de Cristo. Vossa Igreja seja testemunha viva da verdade e da liberdade, da justiça e da paz, para que toda a humanidade se reanime com uma nova esperança. (MISSAL ROMANO, 2023, p. 636).

Denominar-se cristão pressupõe permanentemente examinar a consciência e as próprias ações, a fim de reconhecer se estão ou não fundamentadas no Evangelho.

É preciso ir além de simplesmente não fazer ou desejar o mal. Agir com indiferentismo é inaceitável. Ter uma postura de contrariedade, porém sem que esta leve à busca por justiça não é o que nos foi revelado na humanidade de Jesus. O Papa Francisco (2016) exorta essa diferença:

Uma compaixão, admoestou o Papa, que não é a mesma que geralmente nós sentimos «quando por exemplo vamos pela estrada e vemos uma cena triste: “Que pena!”». De resto, «Jesus não disse: “Pobre mulher!”». Ao contrário, «foi além. Encheu-se de compaixão. “Aproximou-se e disse-lhe: não chores”». E deste modo «com a sua compaixão Jesus participa no problema daquela senhora. “Aproximou-se, falou-lhe e tocou”. O Evangelho narra que tocou o caixão. Mas certamente quando disse “não chores”, tocou também a viúva. Uma carícia. Porque Jesus estava comovido. E depois realiza o milagre», ou seja, ressuscita o jovem.

Neste sentido, se queremos ser com o outro como Jesus o foi em relação à viúva, como foi a Bartimeu e vários outros exemplos das Escrituras, precisarmos ir além de apenas sermos empáticos. A empatia não deve ser o limite, há de ser mais profundo do que apenas preocupar-se com algo que esteja acontecendo, mas exercitar a cultura do encontro: “Se não olho — não é suficiente ver, não: é preciso olhar — se não paro, se não olho, se não toco, se não falo, não posso realizar um encontro” (FRANCISCO, 2016). Este agir, que deve partir de cada um em direção à realidade do outro, tem por fundamento o exemplo de Jesus. Libanio (2013, p.91) afirma que, para Jesus, não lhe bastou estar perto dos pobres e necessitados, mas desceu ao mais profundo da miséria humana, para de lá arrancar as vítimas e transferí-los para o mundo da convivência humana.

O fundamento cristão nos remete a uma perspectiva diferente, como que uma lógica invertida de valores e prioridades. Deixar tudo de lado para dedicar-se ao outro. Isso é assumido na reflexão do Papa Francisco em sua Carta sobre a fraternidade social. Nela, Francisco realiza uma dura crítica ao fazer notar que “dizemos que crescemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos em acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis” (FT 64). Exorta a que não nos permitamos manter nossa serenidade enquanto houver um irmão caído “nas margens da vida” (FT 68). Temos o desejo e a avidez por vivermos a vida em plenitude e sentimo-nos amados pelo Senhor, isto é louvável mas não deve nos bastar. Será contraditório viver um pseudo-discipulado inerte, sem combater os reflexos de uma sociedade que exclui, que ignora, descarta, que oprime e degrada a dignidade humana.

Castillo (2012, p. 109) alerta para o risco de se adotar uma fé que desumaniza, que oprime, ainda que se revista de motivos pretensamente divinos ou religiosos:

A fé cristã não é somente fé em Deus e adesão incondicional a Deus. Nem somente fé em Cristo e adesão incondicional a Cristo. Além disso e inseparavelmente disso, a fé cristã é, com o mesmo direito e a mesma exigência, fé no humano e adesão incondicional ao humano. Portanto, do mesmo modo e com a mesma importância com que se afirma não ser possível ter fé se não se vive na correspondente ortodoxia doutrinal e na coerência ética, segundo os mandamentos de Deus e os preceitos da santa Igreja, também, com o mesmo direito, é preciso dizer que não é possível a fé onde não se produz a profunda humanização das pessoas.

A reflexão proposta por Castillo lança uma luz para uma possível interpretação quanto ao comportamento dos discípulos e da multidão que seguiam Jesus, no relato do cego Bartimeu que vimos analisando. O autor complementa que,

Quando se antepõem os direitos, os preceitos ou os interesses da religião à liberdade, ao amor, à amizade, à felicidade humana, aí encontramos o sinal mais claro de que a fé cristã se corrompeu a ponto de impor o fundamentalismo religioso em lugar da fidelidade ao Deus humanizado que a nós se revelou em Jesus de Nazaré (2012, p. 110).

Voltando à narrativa quando tranquilamente passariam ao largo da realidade do irmão em condição desumanizante, inclusive tentando dissuadí-lo de falar com o Mestre, o que demonstravam ter por Jesus era mais um atitude de fundamentalismo egoísta do que discipulado. Não se vê coerência, portanto, em vivenciar aquele momento de seguir Jesus havendo um irmão sem a mesma possibilidade, sentado à margem da estrada e clamando por misericórdia, por justiça.

3.2 O CLAMOR DOS EXCLUÍDOS

No capítulo inicial, abordamos reflexões sobre a fé e esperança, virtudes que sustentaram Bartimeu. Ao abordar o clamor dos excluídos, faz-se propício e necessário apresentar a terceira das virtudes teologias: a caridade. A caridade se alarga e se completa ao ter um olhar voltado não só aos necessitados de alimento e esmola, mas a todos que sofrem as consequências de injustiças, que são

discriminados, obrigados a se sujeitarem a quaisquer situações desumanizantes¹⁰. Aliás, a desumanização vai muito além de envolver situações relativas a questões financeiras ou material. A indiferença e o desprezo desumaniza sem que se envolva qualquer motivação material ou econômica.

O projeto de Deus é que toda a criação tenha vida em plenitude (cf. Jo 10,10). Quando pensamos na Criação, sabemos que Deus criou-a na perfeição. Vida em plenitude e perfeição levam-nos a intuir liberdade, saúde plena, paz constante. Facilmente se pode crer ser adverso a este padrão alguma condição que se apresente como forma de opressão, exclusão ou que comprometa a dignidade.

Ao abordar a questão da emergência da dignidade, Tavares (2010, p. 145) pensa que “no caído, no aviltado, no ser humano entregue à sua máxima vulnerabilidade que se revela a condição humana nua e crua que mendiga solicitude e cuidado, enternecimento e hospitalidade”.

Em resumo, podemos correlacionar condição desumanizante com falta de liberdade e, antagonicamente, dignidade humana com liberdade. Assim, para Boff a questão da liberdade, ou o processo de estabelecê-la, parte do princípio de uma práxis que promove e assegura autonomia no caminhar do oprimido:

[Libertação] é uma palavra-processo, palavra-ação intencionalmente orientada a uma práxis que liberta *de* e *para*. Com efeito, libertação supõe processo de libertação *de* um tipo de relacionamento *de*-pendente, vivido como *de*-primente e *de*-pauperador. Convoca para uma *des*-obstaculização com o fito de deslanchar uma libertação *para* a condução *in*-dependente e *auto*-assegurante do próprio caminho. (BOFF, 1980, p. 18, grifos do autor)

Considerando a temática do clamor dos excluídos e considerando inequivocadamente que é alguém oprimido, carente de libertação, de autonomia, que tem sua dignidade, no mínimo, comprometida, então podemos compreender daquela fala de Leonardo Boff que há necessidade de todo um conjunto de ações, e não somente discursos, que ensejem um processo contínuo de garantia de direitos e justiça.

Sobre esta questão, Tavares chamará de Ética da responsabilidade, a qual está relacionada com o exercício da compaixão e da acolhida: “é na acolhida do outro no

¹⁰ Não seria possível elencar todas as condições ou ações que possam ser definidas como desumanizantes; o universo seria extenso e não pertinente ao trabalho. Sendo generalista, entende-se por retirar o sentido real dos traços humanos, a liberdade, a exclusão social, quando não se tem as condições mínimas de dignidade (emprego, justa remuneração, residência, saúde), respeito a condição de raça/cor, segregação do diferente, opressão ou repressão de qualquer sorte etc.

seu abandono, na sua fraqueza e desumanidade, e é no gesto de compaixão e de solidariedade face à sua dor e abandono que se revela a nobreza maior do ser humano e, portanto, sua mais elevada dignidade” (2010, p. 144).

O autor do livro do Eclesiástico também é firme em apontar a responsabilidade do crente: não recusar ao pobre a sua subsistência e não desviar deste os olhos. E garante a necessária dose de confiança e esperança: Deus ouve o clamor do excluído (cf. Eclo 3,30-4,10). Ajudar o irmão necessitado agrada a Deus pois Ele mesmo se faz presente nos excluídos (cf. Mt 25,40).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco declara que o “imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio” (EG 193). Ressalta também que esta verdade é tão clara que não se permite ao relativismo. Conclui-se que, seja tomando por fundamento a Sagrada Escritura ou o Magistério, cabe a cada crente assumir a responsabilidade pela humanização do próximo.

A Igreja, em especial o magistério da Igreja latino-americana, teve especial atenção ao tema do cuidado com os pobres e excluídos. Se, sobretudo, nas Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida ¹¹ (2007) esta perspectiva esteve presente, o Pontificado do Papa Francisco tem sido enfático e perseverante nesta temática:

Os seguidores de Jesus reconhecem-se pela sua proximidade aos pobres, aos pequeninos, aos doentes, aos presos, aos excluídos, aos esquecidos, a quantos não têm comida nem roupa (cf. Mt 25, 31-36; CIC 2443). Podemos ler aquele famoso parâmetro sobre o qual todos seremos julgados, todos seremos julgados. É Mateus, capítulo 25. Este é um critério-chave de autenticidade cristã (cf. Gl 2, 10; EG 195). Alguns pensam erradamente que este amor preferencial pelos pobres é uma tarefa para poucos, mas na realidade é a missão de toda a Igreja, dizia São João Paulo II (cf. Enc. Sollicitudo rei socialis, 42). «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus para a libertação e promoção dos pobres» (EG 187) (FRANCISCO, 2020).

A esperança de Bartimeu não estava na multidão de pessoas que certamente passavam com frequência pelo caminho de Jericó. Até mesmo porque, o que se viu no relato do Evangelho foi um misto de indiferentismo e exclusão por parte das

¹¹ No texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida, um destaque exemplifica a preocupação quanto ao tema da dignidade humana. Assim reza o n° 399: “Assumindo com nova força essa opção pelos pobres, manifestamos que todo o processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade”.

peçoas, ao tentar inibir seu clamor. O grito do cego medicante e à margem indica em quem ele deposita sua vida, confiança de cura e salvação: o “Filho de Davi”.

Jesus caminhava para Jerusalém e esta era sua prioridade, até passar por Bartimeu. Contudo, sua prioridade passa a ser de ouvir o desejo daquele que clama; acolher, atender o seu pedido que lhe é feito com convicção esperançosa. Jesus não prefere Bartimeu aos outros que o seguiam devotamente, mas entende que é a ele que deve dirigir seu olhar naquele instante. É o desesperançoso que precisa ter restituída sua dignidade, sua liberdade (cf. Lc 4,18-19.21). Mateos ajuda-nos a alargar, nesse sentido, a compreensão disso:

Se o Pai é amor sem limites ao homem, não pode tolerar que este sofra, seja oprimido ou se veja impedido de alcançar a plenitude a que está destinado. Da realidade do Deus-amor decorrem sua oposição à injustiça, a atividade de Jesus em favor dos fracos e até sua aceitação da morte com o objetivo de realizar sua obra libertadora (MATEOS, 1994, p. 31).

A caridade caminha junto com a misericórdia, com um coração que ama e que é compassivo. Deus nos ensina a sermos misericordiosos, tomando por exemplo seu Filho. Se no capítulo primeiro afirmou-se que Deus não tem preferências em seu amor, é necessário compreender adequadamente, extraindo das próprias Sagradas Escrituras e dos documentos do Magistério, que Ele se volta com atenção especial para os mais fragilizados, os mais necessitados.

Deus olha com especial atenção para o povo que sofre, ouve seu grito, conhece suas angústias (cf. Ex 3,7). O salmista reitera essa certeza: “tu ouves o desejo dos pobres, fortaleces seu coração e lhes dás ouvidos” (cf. Sl 10,17).

Pode-se inferir que agrada a Deus que nenhum de seus filhos esteja em necessidade. Sob esta ótica, da providência ao excluído que clama, Boselli propõe uma dura reflexão sobre tantos momentos que nos colocamos em assembleia reunida para celebrar a eucaristia:

[...] nas páginas do Antigo como nas do Novo Testamento, na palavra dos profetas como na sabedoria de Israel, no ensinamento de Jesus como na pregação dos Apóstolos (e sucessivamente naquela dos Padres da Igreja), a qualidade fundamental que faz do culto a Deus um culto que lhe agrada, é a justiça para com o pobres, a equidade para com os miseráveis, o direito em relação aos oprimidos. O fiel não pode prestar culto ao Senhor e, ao mesmo tempo, ignorar o irmão que está na necessidade (2017, p. 164).

O culto agradável a Deus está relacionado ao que nos referimos parágrafos acima sobre ética de responsabilidade. Resta-nos a conclusão de que “sentarmo-nos à mesa” para o banquete eucarístico não nos deve fazer sentirmo-nos completos enquanto houver um irmão com fome, marginalizado, excluído. Assim, e fazendo um paralelo com a reflexão da multidão e dos discípulos que seguiam Jesus, talvez estes cegamente se percebessem completos, até mesmo privilegiados.

3.3 A CEGUEIRA ESPIRITUAL

O apóstolo Paulo fala à comunidade de Corinto que “se nosso Evangelho ainda está velado, está velado para os que se perdem, para os descrentes, aos quais o deus deste século cegou seus pensamentos para que não percebessem a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é imagem de Deus” (2Cor 4,3-4). Nesta fala de Paulo, resta-nos considerar também que além da descrença, há os que interpretam à sua maneira, criando “evangelhos” não correspondem ao exemplos e falas de Jesus.

A cegueira espiritual é aquela de quem não quer assimilar o que os textos sagrados expõe. Quando Jesus afirma não pretender mudar a Lei, mas “dar pleno cumprimento” (cf. Mt 5,17), estava, na verdade, evidenciando que aquele povo não tinha plena compreensão, estava cego diante do que os Patriarcas e Profetas vinham ensinando.

A cegueira do entendimento não é uma deficiência física mas espiritual. A soberba, a indiferença e impiedade, o ódio e o orgulho, são sentimentos que facilmente provocam comportamentos e conceitos que denotam a cegueira de valores. Se o profeta Isaías vincula a cegueira espiritual aos corações conturbados (cf. Is 35,4-5), o salmista afirma que o insensato não compreende as obras de Deus, apesar de as ter diante de seus olhos (cf. Sl 92,7).

Podemos tomar o exemplo do povo judeu: tinha imutável convicção do “tipo de messias” que viria, pleno de autoridade e influência, poderoso para salvar o povo guerreando, que foram incapazes de reconhecer o Filho de Deus diante de tamanha simplicidade, nascido e oriundo de lugar insignificante, praticando uma vida de serviço.

Tomando por contribuição a filosofia de Platão, o filósofo introduz a reflexão sobre uma forma de cegueira, que advém da alegoria conhecida por Mito da Caverna. Neste, aquele que está na caverna tem acesso somente a sombras e ecos que lhe

sugerem uma compreensão. Ao sair e se deparar com a luz externa, a potência da luz ofusca sua visão e o faz ter a necessidade de uma escolha: retornar ao estágio inicial ou se readaptar, passando de fato a “enxergar” o mundo real.

Para o cristão, a Palavra de Deus é esta luz que ilumina fortemente o caminho a ser percorrido e o discipulado desafia a que deixemos as velhas seguranças para trás, algo que nem todos estão dispostos a fazer.

Como sabemos, muitos dos ensinamentos de Jesus eram dados em parábolas (cf. Mc 4,1-2a), de modo que, por meio de alegorias da vida cotidiana, da dinâmica vivencial concreta de cada um, até o menos instruído pudesse compreendê-los e praticá-los. O evangelista Mateus narrou a resposta de Jesus aos discípulos sobre esta forma de ensinar:

Porque a vós foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas àqueles não. Com efeito, àqueles que tem lhe será dado e terá em abundância; mas aquele que não tem lhe será tirado. É por isso que lhes falo em parábolas: mesmo vendo não veem, mesmo ouvindo não ouvem nem entendem. Desse modo, cumpre-se a profecia de Isaías: 'Certamente ouvireis mas não entenderéis, certamente vereis, mas não perceberéis. De fato, o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os ouvidos e seus olhos se fecharam, para que não vejam com os olhos, não ouçam com os ouvidos, não entendam com o coração, não se convertam, e eu não possa curá-los (Mt 13,11-15).

A chave para compreender a linguagem das instruções por meio de parábolas está na dicotomia entre estar fechado ou aberto à Palavra de Deus, efetivamente e em sua totalidade. Resistir à Palavra leva ao desconhecimento, ao erro, e a resistência enseja a cegueira que talvez nunca seja curada, pois não depende do remédio ou do médico, mas daquele que insiste em não remover o véu sobre os olhos (cf. 2Cor 3,14-16).

Em outro momento, conforme se encontra no Evangelho segundo João, Jesus fala aos judeus, ricos conhecedores das Escrituras Sagradas, mas que só se ocupavam em acusá-lo de violar a Lei de Moisés: “Examinai as escrituras – uma vez que considerais que nelas tendes a vida eterna –, também elas testemunham a meu respeito. Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5,39-40). A cegueira em só se pautar pela lei escrita na pedra os impedia de reconhecerem em Jesus o Messias esperado. Para eles, curar em dia de sábado era menos importante que observar a antiga lei, a qual seguiam cegamente.

Também Estevão, segundo narra a literatura lucana (cf. At 7,51-53), citou a cegueira do povo que levou à morte o Justo, o Cristo: “Homens de dura cerviz, incircuncisos de coração e d ouvidos! Vós sempre resistis ao Espírito Santo. Como fizeram vossos pais, assim também vós”. A dureza do coração os fez irredutíveis e, na cegueira de se manter na satisfação egoísta, na falsa verdade, não aceitavam ser tirados da posição de escravos para a vida nova do Reino.

Conhecer a Verdade (cf. Jo 8,21-32) é fazer o encontro com o Senhor que se faz conhecer nas Sagradas Escrituras. É permanecer na Palavra (cf. 1Jo 2,24-25). Não obstante, em um dos passos do rito do Batismo, o celebrante pronuncia a palavra *Éfeta*, palavra que em aramaico que significa “abre-te”. O Batismo é o sacramento que faz iniciar a vida, o chamado ao discipulado. Espera-se que na vida nova em Cristo, sejamos capazes de ouvir integralmente a Palavra e mantermo-nos fiéis.

3.4 O DISCIPULADO

Se a fé esperançosa de Bartimeu e o amor incondicional de Jesus resultaram na cura deste cego mendicante de Jericó, a sua resposta ou ação posterior à graça foi abrir-se à conversão e pôr-se a caminho, o que se denomina por discipulado.

Quando se pensa na palavra discipulado, é possível que se tenha a compreensão de significar professar a fé ou ter alguma religiosidade. Esta é uma verdade, porém não completa. Trata-se apenas do marco inicial do discipulado. Explica-se: a palavra discípulo (cuja etimologia se origina no latim, *discipulus*), está relacionada ao ensino, aprendizado. Assim sendo, parece-nos fácil compreender ser possível falar de algo sem que se tenha conhecimento, ou em nosso caso, professar a fé cristã sem que se tenha conhecimento desta ou, mesmo que tenha grande conhecimento teórico, não faça uso deste na prática. Ou seja, a palavra também está estreitamente relacionada à ideia de “disciplina”, no sentido de cumprimento do aprendizado. Ratifica, portanto, o pensamento já apresentado de que o discipulado se compreende pela conjugação de duas condições: aprender e agir conforme o aprendizado.

Desta forma, esta conceituação sobretudo no contexto bíblico, que alarga a compreensão e podemos igualar discípulo a seguidor, afirmar ter fé em Jesus Cristo ou até mesmo confessar a fé cristã, doutrinalmente, pode não ensejar em discipulado

ou seguimento¹² se, na prática diária, não adotar comportamentos e valores de Jesus Cristo. É condição para tanto, viver a fé que Jesus viveu, conforme está fundamentada nas narrativas dos textos canônicos.

Tomemos por exemplo o chamado de Jesus a Simão (Pedro) e André, para alargar a compreensão de discipulado sob a a ótica das Sagradas Escrituras, nosso interesse:

“Passando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão, lançando as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: ‘Vinde atrás de mim, e farei com que vos torneis pescadores de homens’. Logo, tendo deixado as redes, seguiram-no” (Mc 1,16-18).

Conforme o relato de Marcos, Pedro e André estavam pescando. Nota-se o imediatismo com que o chamado foi feito pois os verbos e a sequência direta que nos é apresentada denotam esta percepção: estava passando, viu e chamou-os. Da mesma forma, a tomada de decisão de aceitar e seguir. Neste caso, será o advérbio “logo” aplicado na frase, demonstrando ter sido imediatamente, sem tardar. Na decisão e ação de Pedro e André, temos um abandono da condição que se tem, seja social, financeira, familiar, um abandonar-se de suas existências até então, sem qualquer garantia ou segurança.

Bombonato (2002, p. 45) diz que o seguimento de Jesus “é entrega total e permanente [...], tem dimensão de eternidade, da eternidade de Deus, para o qual o passado, o presente e o futuro são um só e único momento”. Sendo permanente, a autora reforça o já explicitado de que é também uma relação que não se limita ao aprendizado de uma doutrina, mas de uma comunhão que pressupõe obediência incondicional, participar de sua vida e ações. Adiciono a reflexão de que é preciso (e possível) viver a fé que Jesus viveu. O evangelista João narra o próprio Jesus dizendo a Filipe o que ele seria capaz de fazer: “quem crê em mim, fará as obras que eu faço e fará ainda maiores do que estas” (cf. Jo 14,12). Mais do que adotar os valores de Jesus, o discípulo pode fazer obras (e curas) iguais ou maiores, basta crer.

Para Bombonato, a coerência do discipulado, que ela destaca como opção de vida, está em “aderir incondicionalmente a Cristo e, ao mesmo tempo, conformar-se com o Mestre” (2002, p. 84). Analisando as características da narrativa do cego

¹² Neste trabalho, utilizaremos ambas palavras, seguimento ou discipulado, com a mesma finalidade, apenas para variação na escrita textual e acolhimento da redação dos autores referenciados.

Bartimeu segundo Marcos e a relação com o seguimento, percebe-se que o texto possui a particularidade de desvelar a identidade de Jesus enquanto Filho de Deus e Messias, algo que se dá no seguimento. Assim, Marcos estrutura sua narrativa de modo que Jesus vai gradativamente se revelando àqueles que ele escolhe para serem seus discípulos. O texto de Bombonato (2002, p. 52-57) segue descrevendo as curas, exorcismos e controvérsias, e em meio a toda essa peregrinação, os discípulos vão sendo orientados e experimentados no conhecimento de quem é Jesus.

Bonhoeffer compreende que “o chamado ao discipulado é o compromisso exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo [...] é graça e mandamento unidos em uma coisa só” (2016, p. 34). O autor discorre também sobre a ideia de que não há seguimento a Cristo sem que se comungue também de suas dores. Cristo não escondeu aos Doze as condições para lhe seguir, disse-lhes com toda a clareza: “Se alguém quer seguir atrás de mim, renuncie a si mesmo, carregue sua cruz e siga-me” (cf. Mc 8,34s). Sobre este ponto, Bonhoeffer destaca que “o discipulado é a união com o Cristo sofredor. Por isso, o sofrimento dos cristãos nada tem de estranho; antes, é muito mais graça e alegria pura” (2016, p. 34).

No seguimento de Cristo, os discípulos por ele chamados puderam presenciar graças e perseguição, festas e dores, oração e agonia. Por isso, o discipulado não é obrigação, não é retribuição pelo que se obtém por graça divina. Antes, é um desejo de ser igual, de fazer igual e mais como Jesus assegurou. É um processo de caminhada e aprendizado. Não é uma ação estanque, pontual, momentânea. Se antes se falou de entrega total e permanente, agora se destaca que trata-se também de um processo contínuo e gradativo, de glórias e cruz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na dinâmica do discipulado, todo seguidor deve se manter vigilante quanto ao risco de estar vivendo e agindo em cegueira espiritual. Para tanto, a caminhada discipular deve ser guiada à luz do Evangelho. Nesta vigilância permanente, deve-se questionar, portanto, quão fundamentado estamos. Também, quão abertos para quebrar as verdades já consolidadas e absorvidas no decorrer da vida.

Bartimeu age conforme o próprio Cristo ensinou: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e vos darei descanso” (cf. Mt 11,28s). A ação de Bartimeu serve-nos de referência, portanto, para uma revisão de fé. Uma reflexão sempre necessária é de quão enraizada nossa fé está e se realmente (e somente) em Deus depositamos confiança. Viver essa comunhão com Deus resultará na paz e na harmonia que não são comprometidas quando sujeitas a circunstâncias adversas.

Quanto à incondicional confiança em Deus, importa apreciarmos a narrativa do evangelista João sobre a fala de Jesus aos discípulos: “Não se agite vosso coração. Crede em Deus; crede em mim também” (Jo 14,1). Um coração atribulado leva à fragilidade de agir fora da coerência evangélica, inclusive prejudicando o próximo. Ainda assim, a sequência do texto destaca que Tomé e Filipe se encontravam com dúvidas e inseguros, ao que Jesus questiona Filipe: “Todo este tempo estou convosco e não me conheceis, Filipe?” (cf. Jo 14, 9). A cegueira espiritual dos discípulos se deu por estarem com Cristo e não o reconhecer. Um exercício que se impõe é o de percebermos, nas inúmeras experiências na vida cotidiana, a providência divina. Seja quando de uma adversidade incompreendida ou em momentos de benção percebida, Deus sempre age em favor de seus filhos. Esta é uma certeza da qual não se pode esquecer. Assim sendo, esperar em Deus, confiar-se à sua providência, deve ensejar uma vida pautada pela coerência e paz.

Discipulado, fé, resiliência, fraternidade e cegueira espiritual são temas que demos destaque em nossa reflexão sobre a perícopé escolhida como ponto de partida de nosso estudo. Chama-nos a nos aprofundar no autoconhecimento e ascese permanentes. É desejo que a reflexão proposta tenha propiciado um olhar mais atento a toda forma de exclusão e redução da dignidade. Que tenha estimulado a confiança na misericórdia e amor de Deus. Por fim, que nos tenha feito melhores seguidores de Cristo, mais acolhedores, mais disponíveis e compassivos com o próximo.

REFERÊNCIAS

1. Sagrada Escritura

A Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

Bíblia. **A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

NOVUM TESTAMENTUM GRAECE. 28ª Edição Revisada. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

2. Livros

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** São Paulo, SP: Paulus, 1997.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos, I.** São Paulo: Loyola, 1990.

BOFF, Clodovis. **Experiência de Deus e Outros Escritos de Espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2017.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da Libertação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado.** São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Seguimento de Jesus:** Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2002.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento:** história, literatura, teologia. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

BORN, Den Van A. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia.** Petrópolis: Vozes, 1977.

BOSELLI, Goffredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia.** Brasília, DF: Edições CNBB, 2017

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

CASTILLO, Jose M. **Jesus: a humanização de Deus:** ensaio de cristologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CASTILLO, Jose M. **Espiritualidade para insatisfeitos.** São Paulo: Paulus, 2012.

CASTILLO, Jose M. **O Evangelho marginalizado.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

CANTALAMESSA, Raniero. **Eros e Ágape**: as duas fazes do amor humano e cristão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

COMBLIN, José. **O clamor dos oprimidos – O clamor de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

ECKHART, Mestre. **A nobreza da alma humana e outros textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento**: Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. São Paulo: Loyola, 1994.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O evangelho de São Marcos**: Cadernos de estudo bíblico. São Paulo: Ecclesiae, 2014.

HALÍK, Tomáš. **Tocca le ferite. Per una spiritualità della non-indifferenza**, Milano, Vita e Pensiero, 2021.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.

LÉON-DUFOUR, X. *et al.* **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LIBANIO, J. B. **Creio em Deus Pai**. São Paulo: Paulus, 2007.

LIBANIO, J. B. **Linguagens sobre Jesus**: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico. São Paulo: Paulus, 2013.

MATEOS, Juan. **A utopia de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1994.

MERTON, Thomas. **Homem algum é uma ilha**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo: Território do sagrado**. São Paulo: Loyola, 2000.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo**: a doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus?** Elementos de Teologia Filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.

ORTIZ, Pedro. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2008.

PAGOLA, José Antonio. **É bom crer em Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

RAMOS-REGIDOR, José. **Teologia do Sacramento da Penitência**. São Paulo: Paulus, 1989.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus, a história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

SOBRINO, Jon. **O princípio misericórdia**: descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOBRINO, Jon. **A misericórdia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SOBRINO, Jon. **Fora dos pobres não há salvação**: pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008.

TAVARES, Sinivaldo S. **Teologia da criação**: Outro olhar - Novas relações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **El Jesús Histórico**. Salamanca, Espanha: Ediciones Sigüeme, 1999.

VAZ, Henrique C. L. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

3. Publicações online

COLLET, Andressa. Papa pede orações pela Igreja, para abraçar o diálogo e a escuta através do Sínodo. **Vatican News**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-09/papa-francisco-intencao-oracao-outubro-sinodo-dialogo-escuta-23.html>. Acesso em 19/10/2023.

4. Documentos Eclesiais e Magisteriais

BENTO XVI, PAPA. **Carta Encíclica Deus caritas est**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 01/10/2023.

Catecismo da Igreja Católica – Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil: 2019-2023**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CNBB. **Fé Cristã e Laicidade – Subsídios Doutrinários 10**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acessado em: 25/10/2021.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática Gaudium et Spes**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acessado em: 25/10/2021.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acessado em: 25/10/2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 3ª Edição Típica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

FRANCISCO, PAPA. **Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia - *Misericordiae Vultus***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em: 05/10/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Loyola, 2020.

FRANCISCO, PAPA. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 05/07/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 05/07/2023.

JOÃO PAULO II, PAPA. **Carta Encíclica *Dives in Misericordia***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html#-N Acessado em: 30/09/2023.

JOÃO PAULO II, PAPA. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html Acessado em: 30/06/2023.

PAULO VI, PAPA. **Carta Encíclica *Evangelii Nuntiandi***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html >. Acesso em: 06/07/2023.

PAULO VI, PAPA. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acessado em: 27/10/2021.

SCHERER, ODILO PEDRO. **COMUNHÃO, CONVERSÃO E RENOVAÇÃO MISSIONÁRIA - Carta Pastoral e Propostas Sinodais a partir do 1º sínodo arquidiocesano de São Paulo - 2017 a 2023**.

5. Alocuções Magisteriais: Audiências, Discursos, Homilias

BENTO XVI, PAPA. **Audiência Geral**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html. Acesso em: 06/07/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Angelus.** Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2022/documents/20221030-angelus.html>>. Acesso em: 03/07/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Audiência Geral.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html. Acesso em 24/10/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Homilia VIAGEM AO CANADÁ.** Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220728-omelia-vespri-quebec.html>>. Acesso em: 27/09/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Meditação Matutina.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html>. Acesso em: 03/07/2023.

FRANCISCO, PAPA. **Mensagem para o III Dia Mundial Dos Pobres.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html. Acesso em 12/11/2023.